

# *Instituto Superior de Psicologia Aplicada*



## PERSPECTIVA LONGITUDINAL DA RELAÇÃO ENTRE COESÃO E RENDIMENTO DESPORTIVO NO FUTEBOL PROFISSIONAL MASCULINO

João Nuno Lameiras Dinis Carmo

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

**Mestre em Psicologia Aplicada**

Especialidade de Psicologia Social e das Organizações

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Mestre Pedro Almeida, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

## Agradecimentos

À minha mãe e avó pelo apoio incondicional, por eu saber que posso contar sempre convosco, por caminharem sempre ao meu lado e por tornarem possível o cumprimento de mais uma etapa. À Beta e Octávio pela vossa ajuda e carinho desde o primeiro momento.

Ao Mestre Pedro Almeida. Obrigado por tudo o que tens feito por mim, por estares sempre ao meu lado e me guiares. Pela tua amizade.

A mim!

Ao meu avô...

## RESUMO

O objectivo deste estudo é apresentar os resultados de um estudo longitudinal (10 jogos) que explora a existência de correlações estatisticamente significativas entre as quatro dimensões da coesão operacionalizadas pelo Modelo Conceptual de Coesão (Carron, Brawley & Widmeyer, 1985) e diferentes medidas de rendimento desportivo. Os participantes são 23 atletas de uma equipa de futebol profissional (M idade = 22.64; DP idade = 3.89) e os 3 treinadores. Uma versão portuguesa (Martins, Almeida & Viana, no prelo) do Group Environment Questionnaire (Carron, Widmeyer & Brawley, 1985) e um questionário pós-competitivo de avaliação do rendimento, dirigido a treinadores e atletas (Cruz, 1996), foram usados como instrumentos. Os resultados indicam a existência de uma relação entre a Coesão e o Rendimento desportivo em sete dos dez jogos analisados. De forma algo surpreendente e contrariamente ao que seria expectável, verificaram-se correlações positivas e negativas entre a dimensão Integração no Grupo-Social e as diferentes medidas de rendimento. De igual modo, verificaram-se correlações negativas entre as dimensões da coesão com orientação para a tarefa e o rendimento da equipa, contrariando assim todas as evidências. Os resultados obtidos nesta investigação parecem apoiar a concepção de que, de facto, existe uma relação circular entre coesão e rendimento desportivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coesão, Rendimento desportivo, Futebol profissional, Relação circular, Estudo longitudinal.

## **ABSTRACT**

The purpose of this study is to present the main results of a longitudinal study (10 games) which explores the existence of statistically significant correlations between the four dimensions of the cohesion considered by the Conceptual Model of Cohesion (Carron, Brawley & Widmeyer, 1985) and different measures of sportive performance. Participants are 23 athletes from a professional soccer team (M age = 22.64; SD age = 3.89) and the 3 coaches. A Portuguese version (Martins, Almeida & Viana, in press) of The Group Environment Questionnaire (Carron, Widmeyer & Brawley, 1985) and a post-competition questionnaire on performance assessment, intended for athletes and coaches (Cruz, 1996), were used as instruments. Regarding the objectives, the existence of a relation between Cohesion and Sport Performance was observed in seven of the ten games analysed. The results indicate the existence of positive and negative correlations between the IG-S and the different measures of performance, as well as negative correlations between the dimensions of the cohesion with guidance towards the task and the team's performance, thus contradicting the results of previous investigations. The results obtained from this investigation appear to support the concept that there is in fact a circular relation between cohesion and sportive performance.

**KEYWORDS:** Cohesion, Performance, Professional soccer, Circular relation, Longitudinal study.

## Índice

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<i>Conceito de Coesão Grupal</i>	2
<i>A natureza da relação Coesão-Rendimento Desportivo</i>	5
<b>MÉTODO</b>	<b>8</b>
Participantes	8
Medidas	8
<i>Coesão Grupal</i>	8
<i>Medidas de Rendimento Desportivo Objectivo</i>	8
<i>Medidas de Rendimento Desportivo Subjectivo</i>	9
Procedimento	10
<b>RESULTADOS</b>	<b>10</b>
<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>18</b>
Referências	23
Anexos	26
Anexo A: Questionário de Ambiente de Grupo – GEQ_pt	27
Anexo B: Grelha de observação sistemática de comportamentos de rendimento desportivo	30
Anexo C: Questionário pós-competitivo de auto-avaliação do rendimento desportivo	32
Anexo D: Questionário pós-competitivo de hetero-avaliação do rendimento desportivo dos atletas	34
Anexo E: Índice de concordância inter-observadores	36
Anexo F: Revisão de Literatura	39

## Lista de Tabelas

TABELA 1: Medidas descritivas referentes às dimensões da coesão na totalidade de jogos analisados	11
TABELA 2: Estatísticas descritivas para as variáveis Rendimento Objectivo e Subjectivo ao longo dos 10 jogos observados	13
TABELA 3 Correlações entre as dimensões do GEQ-pt e as medidas de rendimento objectivo e subjectivo nos 10 jogos analisados	14
TABELA 4: Teste de Mann-Whitney para os grupos de alto e baixo rendimento objectivo	17
TABELA 5: Teste de Mann-Whitney para os grupos de alto e baixo rendimento subjectivo	17

## Lista de Figuras

Figura 1: Modelo conceptual de coesão	4
Figura 2: Modelo conceptual de coesão grupal	43
Figura 3: Modelo da Coesão Social	45
Figura 4: Classificação dos antecedentes da coesão grupal	49
Figura 5: Classificação das consequências da coesão grupal	50
Figura 6: Sistema conceptual da coesão em equipas desportivas	52
Figura7: Modelo conceptual de coesão em equipas desportivas	54

## INTRODUÇÃO

O desporto organizado é quase sempre levado a cabo na presença de outros. Assim, a situação do desporto implica necessariamente interações sociais ou processos de grupo, os quais, em desportos de competição, têm essencialmente um carácter intergrupar (dado o seu objectivo central de vitória), apesar de também existir um carácter interpessoal (Cruz & Antunes, 1996).

Num grupo existe uma troca recíproca de influências, o que nos leva a concluir que o que distingue um grupo de um conjunto de indivíduos é o facto de no grupo existir uma identidade colectiva, um sentimento de partilha, formas estruturadas de interacção e comunicação, interdependência pessoal e na tarefa, um sentimento de destino comum e a percepção de unidade de grupo (Carron & Spink, 1995).

De facto, é com grande regularidade que atletas e treinadores atribuem ao êxito desportivo o funcionamento da equipa como uma unidade ou grupo, sendo constantes as afirmações acerca da importância da coesão no seu desempenho. Carron (1982, cit. por Weinberg & Gould, 2003) sugeriu que a coesão pode ser definida como “um processo dinâmico que se reflecte na tendência para o grupo se manter unido na perseguição dos seus objectivos”. Em 1998, Carron e colaboradores, acrescentaram à definição originalmente proposta, o carácter afiliativo do grupo e de satisfações afectivas individuais dos seus membros, defendendo a coesão como um constructo multidimensional. A definição de coesão proposta por Carron (1982, 1988) remete para o alcance de metas e objectivos grupais, ou seja, para o rendimento dos grupos. De facto, no contexto desportivo em particular, existe a concepção de que é necessário um determinado grau de coesão para que uma equipa atinja um nível óptimo de rendimento.

O rendimento do grupo é um factor particularmente prático e premente dado que a maioria dos treinadores, assim como todos aqueles que trabalham no desporto em geral, dedicam um esforço considerável a fim de o maximizarem (Gill, 1986).

De facto, quando se considera o rendimento de um grupo, um complexo conjunto de variáveis sócio-psicológicas de natureza interactiva é introduzido. Como tal, um objectivo que a grande maioria dos investigadores tem tentado alcançar prende-se com a identificação dos factores e processos que originem e possibilitem um aumento do rendimento dos grupos. Uma das variáveis constantemente assumidas como estando relacionada com o rendimento desportivo é a coesão grupal.



### *Conceito de Coesão Grupal*

Historicamente, a coesão tem sido identificada como uma das mais importantes variáveis na dinâmica e performance dos grupos, como tal são diversas as áreas da ciência que revelaram interesse no seu estudo. Contudo, e de acordo com Mudrack (1989, p. 39; cit. por Paskevich, Estabrooks, Brawley, & Carron, 2001) apesar da coesão “parecer fácil de compreender e descrever... ‘esta facilidade de descrição’ não traduz a ‘facilidade na sua definição’ ”, uma vez que apesar de abstracta não é directamente observável. Como tal, foram diversos os autores que propuseram uma definição para este constructo.

O termo <<coesão de grupo>> foi inicialmente utilizado por Kurt Lewin e seus colaboradores em 1945. Para Lewin a essência de um grupo consiste, maioritariamente, na interdependência entre os seus membros e não apenas na sua semelhança, sendo que, a interdependência interpessoal é o que determina o grau de coesão do grupo. Contudo, uma das limitações apontadas a esta abordagem prende-se com o facto do autor não tem em conta a relação entre a coesão grupal e a percepção que os indivíduos têm de si mesmos enquanto membros do grupo (Huici, 1985). Lewin considera que a interdependência interpessoal, ou seja, a coesão surge com o objectivo de alcançar de forma mais eficaz as metas individuais. Como tal, para que um conjunto de indivíduos se converta num grupo e este alcance algum grau de coesão, é necessária uma força motivacional subjacente ao alcance de objectivos.

Partindo da concepção de coesão avançada em primeira instância por Lewin, foram Festinger, Schachter e Back (1950; cit. por Dion, 2000) quem primeiramente formalizou uma teoria da coesão grupal. Numa investigação por si realizada procuraram investigar a forma como pequenos grupos sociais e informais exerciam pressão sobre os seus membros, de modo a que estes aderissem às suas normas. Em suma, concluíram que factores ecológicos, em particular a proximidade física, contribuíram de forma determinante para a formação do grupo e para o estabelecimento de relações de amizade entre os seus membros, definindo o conceito de grupo como “o número de pessoas interactivamente e sociometricamente conectadas” (p.58). Como tal, os autores afirmaram que “é muito provável que...relações de proximidade entre um número de pessoas ao longo do tempo contribuam para o desenvolvimento de um grupo coeso” (p.99) e que “grupos sociais informais...são um padrão mais ou menos coeso das relações estabelecidas entre um determinado número de pessoas” (p.160). Com base no pressuposto de que a coesão não desempenha apenas um papel relevante no que concerne à solidariedade entre os membros (como propriedade de um grupo), contribuindo também para a formação de um

grupo psicológico, definiram o conceito de coesão como «campo total de forças que actuam sobre os membros para que permaneçam no grupo» (1950, p. 274).

Para além da Psicologia Social, a Psicologia do Desporto foi outra das áreas de investigação que manifestou interesse no estudo da coesão, nomeadamente na sua relação com a eficácia das equipas. Por diversas vezes, atletas e treinadores atribuem ao êxito desportivo o funcionamento da equipa como uma unidade ou grupo, sendo que as afirmações sobre a importância da coesão no funcionamento de uma equipa desportiva são constantes.

O desporto organizado é quase sempre levado a cabo na presença de outros. Assim, a situação do desporto implica necessariamente interações sociais ou processos de grupo, os quais, em desportos de competição, têm essencialmente um carácter intergrupar (dado o seu objectivo central de vitória), apesar de também existir um carácter interpessoal (Cruz & Antunes, 1996). Num grupo existe uma troca recíproca de influências, o que nos leva a concluir que o que distingue um grupo de um conjunto de indivíduos é o facto de no grupo existir uma identidade colectiva, um sentimento de partilha, formas estruturadas de interacção e comunicação, interdependência pessoal e na tarefa, um sentimento de destino comum e a percepção de unidade de grupo (Carron & Spink, 1995).

Apesar da vasta quantidade de investigações em dinâmicas de grupo, devido às suas propriedades estruturais e funcionais, não se pode generalizar a definição de um grupo e transferi-la para o contexto desportivo. De acordo com Carron (1993) "uma equipa desportiva é um conjunto de indivíduos que possuem uma identidade colectiva, têm metas e objectivos comuns, partilham um destino comum, desenvolvem padrões de interacção e modos de comunicação estruturados, exibem interdependência pessoal e de tarefa, e que se consideram como sendo um grupo" (p.44). Assim, uma equipa desportiva é um grupo especial, com características específicas derivadas da actividade desportiva e da sua própria dinâmica. Como tal, depois da família, uma equipa desportiva poderá ser o grupo mais influente a que determinados indivíduos pertencem. De facto, possui características estruturais únicas apresentando-se, assim, como um contexto ideal para o estudo das interações sociais (Cruz & Andrade, 1996).

No âmbito da investigação em Psicologia do Desporto Carron (1982; cit. por Weinberg & Gould, 2003) sugeriu que a coesão pode ser definida como "um processo dinâmico que se reflecte na tendência para o grupo se manter unido na perseguição dos seus objectivos". Em 1998, Carron et al., acrescentaram à definição originalmente proposta, o carácter afiliativo

do grupo e de satisfações afectivas individuais dos seus membros. De acordo com esta definição, o constructo de coesão assenta em três propriedades:

- a) **Multidimensionalidade:** referente aos diversos factores que conduzem à formação e manutenção do grupo, sendo que o efeito dos mesmos é diferente consoante a natureza dos grupos;
- b) **Dinâmica:** o grau de coesão de um grupo pode e altera-se no decorrer do tempo de existência do mesmo;
- c) **Natureza Instrumental e Afectiva:** diz respeito ao objectivo para a formação do grupo, sendo que os mais diversos grupos se formam com objectivos orientados para a execução de uma dada tarefa. Apesar desta orientação predominantemente instrumental, todos os grupos possuem um carácter afiliativo de satisfação de necessidades afectivas dos seus membros.

Associado à necessidade de criação de um modelo conceptual e de um instrumento, de forma a guiar todos os estudos e medidas de coesão, Carron et al. (1985), criaram um novo modelo conceptual de coesão (Figura 1). Na elaboração deste modelo, Carron e colaboradores basearam-se na distinção entre os aspectos individuais e de grupo, na vida do grupo, para além de aspectos da tarefa e sociais do envolvimento do grupo.

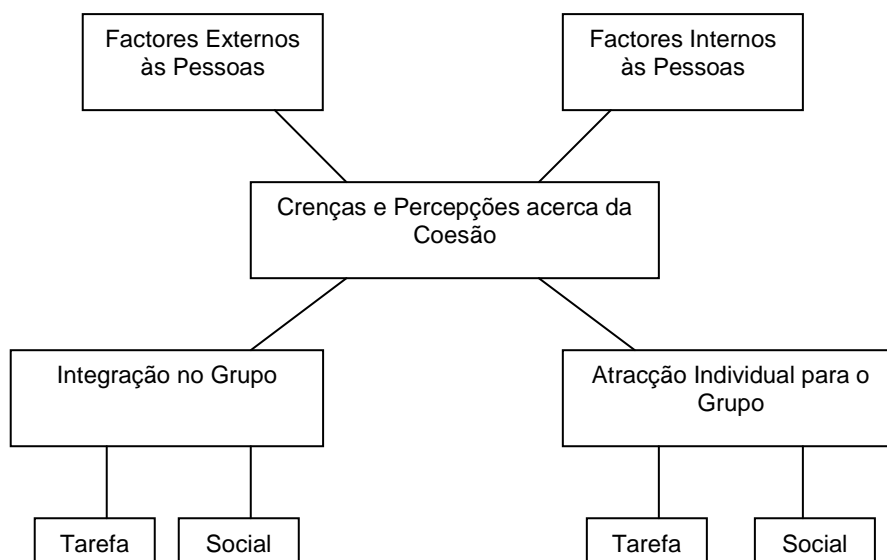


Figura 1: Modelo conceptual de coesão (Carron et al.,1985; adaptado de Weinberg & Gould, 2003)

Este modelo assenta no pressuposto de que os aspectos individuais e os aspectos da coesão de grupo estão representados, em parte, como crenças múltiplas e percepções dos membros individuais do grupo. Cada membro do grupo integra a informação de vários aspectos do mundo social que são relevantes e significativos para o grupo, produzindo várias percepções e crenças (Paskevich et al., 2001). É através destas crenças individuais que o grupo e seus membros se mantém unidos na perseguição dos objectivos grupais, podendo ser classificadas em duas grandes categorias no modelo conceptual:

- *Integração no Grupo (IG)*, que diz respeito às percepções e crenças dos membros do grupo sobre o grupo na totalidade, e;

- *Atracção Individual para o Grupo (AIG)*, que se refere às percepções e crenças dos membros individuais do grupo sobre o que inicialmente os atraiu e que continua a atraí-los para o grupo.

Cada uma destas dimensões, por sua vez, divide-se ainda em orientação para a tarefa ou orientação para o social. Por conseguinte, o modelo abarca estas quatro dimensões relativas às múltiplas crenças e percepções que fazem parte do processo dinâmico que caracteriza a coesão de um grupo/equipa, sendo que estas dimensões actuam em conjunto criando um sentimento de coesão no grupo e nos respectivos membros. Como tal, os indivíduos percebem e crêem que o grupo a que pertencem pode suplantar as suas necessidades em termos sociais e de tarefa. Este facto conduz a que os atletas se sintam atraídos para a sua equipa (i.e., AIG-T e AIG-S). As percepções e crenças individuais acerca do propósito da união do grupo para o alcance de objectivos comuns, relacionados com aspectos sociais e de tarefa (i.e. IG-T e IG-S), são factores motivacionais que levam a que os atletas se mantenham como membros da equipa.

A definição de coesão de Carron, particularmente no desporto, implica que a mesma deverá flutuar ao longo do decorrer da época, interagindo de forma circular e contínua com outras propriedades de um grupo, tais como o seu rendimento.

#### *A natureza da relação Coesão-Rendimento Desportivo*

Historicamente, a coesão tem sido identificada como uma variável de enorme importância na dinâmica e no rendimento dos grupos, em diversos contextos (organizacional, militar, desportivo). Apesar de teoricamente existir uma forte expectativa de que a coesão e o rendimento de um grupo estejam positivamente relacionadas (Cartwright, 1968; Cattell, 1948; Davis, 1969; Shaw, 1971; cit. por Gully, Devine & Whitney, 1995), as diversas investigações têm produzido resultados contraditórios.

À semelhança de outras áreas, a investigação realizada no âmbito da Psicologia do Desporto tem tido um sucesso limitado no que concerne à obtenção de uma resposta definitiva a esta problemática, na medida em que os resultados alcançados se têm revelado inconclusivos e inconsistentes (Carron, Colman et al., 2002).

Widmeyer, Brawley e Carron (1993) num estudo que visava examinar as contribuições relativas da coesão e das capacidades dos atletas para o sucesso das equipas em diferentes desportos, concluíram que cerca de 16% a 22% e 54% a 60% da variância do sucesso de uma equipa é explicada, respectivamente, pela coesão e pelas capacidades dos atletas.

Slater e Sewell (1994) procuraram investigar a relação entre coesão e o rendimento desportivo em equipas de hóquei universitário. Os resultados deste estudo transversal de tipo correlacional demonstraram a existência de uma correlação positiva estável entre as duas variáveis, em particular no que se refere às dimensões da coesão orientadas para o social.

Uma segunda meta-análise foi realizada por Mullen e Copper (1994). Neste estudo os autores examinaram diversas variáveis que poderiam afectar a relação entre a coesão e o rendimento, tais como, a necessidade de interacção entre os membros do grupo, o tipo de coesão, o tipo e a duração do estudo. No geral, os autores concluíram que a relação entre os constructos era pequena mas significativa, avançando também com a sugestão de que um melhor rendimento conduziria a um maior grau de coesão grupal.

Na sua meta-análise, Gully e colaboradores (1995) integraram 51 estudos da relação coesão-rendimento, sugerindo que a interdependência para a realização da tarefa pode ter contribuído para a inconsistência dos resultados obtidos acerca da relação coesão-rendimento. De igual modo, concluíram que a força da relação entre os constructos é determinada pela natureza da tarefa. Logo, em tarefas que necessitam um elevado grau de coordenação, comunicação e supervisão mútua na execução da tarefa por parte membros do grupo, a coesão e o rendimento estão mais fortemente relacionados, comparativamente com tarefas em que a interdependência entre os membros do grupo é baixa.

Carron, Bray e colaboradores (2002) desenvolveram um estudo onde pretendiam estudar a relação entre as percepções relativamente à coesão para a tarefa e o sucesso desportivo, em equipas de basquetebol e futebol. Os autores, partindo da operacionalização da coesão feita através do Group Environment Questionnaire (GEQ) e tendo por base o pressuposto de

Widmeyer et al. (1993), propuseram que as dimensões da coesão para a tarefa (Integração no Grupo- Tarefa; e Atracção Individual para o Grupo- Tarefa) estariam mais fortemente relacionadas com o sucesso desportivo. Contudo, concluíram que, ao contrário do esperado, a relação entre a Atracção Individual para o Grupo-Tarefa e o sucesso desportivo era ligeiramente superior.

Devido à sua importância e aplicação prática, o objectivo deste estudo passa pela avaliação, numa perspectiva longitudinal, da relação entre a Coesão de Grupo e o Rendimento Desportivo (enquanto processo), no Futebol Masculino Profissional. Para tal, pretende-se analisar as relações existentes, ou não, entre cada uma das dimensões da Coesão medidas pelo GEQ-pt, nomeadamente a Atracção para o Grupo e a Integração no Grupo, orientadas para o Social e para a Tarefa; e o Rendimento Desportivo (objectivo e auto / hetero-avaliado).

Com este estudo pretende-se contribuir para a compreensão da relação entre as variáveis tentando, simultaneamente, suprimir algumas limitações apontadas a estudos anteriores, nomeadamente o facto de se tratarem de estudos transversais, onde, por exemplo, a variável rendimento tem sido apenas operacionalizada como produto final (resultado). O facto dos participantes pertencerem apenas a um grupo natural, cuja formação e desenvolvimento já estão finalizados, e ser efectuada uma distinção entre as diferentes orientações da Coesão (Social e Tarefa), é assumido como uma mais valia em termos metodológicos e empíricos.

Em suma, a literatura sobre a Coesão de grupos e o seu efeito prático no Rendimento tem sido envolta nalguma controvérsia. Enquanto alguns autores propõem que as forças de nível motivacional contribuem para a Coesão do grupo e que quanto maior for o seu grau, maior será a sua produtividade (Beal et al., 2003), outros puseram mesmo em causa a generalização do efeito da Coesão no Rendimento (Stodgill,1972; Tziner, 1982; cit. por Beal et. al, 2003), sendo que Steiner (1972; cit. por Cruz & Andrade, 1996) recusou perentóriamente a existência desta relação.

Contudo, actualmente, as diversas revisões dos estudos realizados que examinaram a relação coesão-rendimento (p.e., Beal et al., 2003; Carron, 1988; Carron, Colman et al., 2002; Evans & Dion, 1991; Giully et al., 1995; Mullen & Copper, 1994), enfatizam a existência de uma relação entre ambos os constructos.

No que se refere às diferentes orientações da coesão, Widmeyer et al. (1993), Mullen e Copper (1994), Carron, Bray et al. (2002), Weinberg e Gould (2003) e sugeriram que as dimensões da coesão relacionadas com a tarefa estariam positivamente relacionadas com o rendimento de uma equipa, propondo simultaneamente o oposto no que se refere às dimensões da coesão com orientação para o social.

Como tal, e de acordo com a literatura revista anteriormente, é de esperar que exista uma relação entre coesão e rendimento. De igual modo é expectável que a coesão na tarefa, contrariamente à coesão social, obtenha uma relação positiva com o rendimento desportivo de uma equipa de futebol e que esta relação permaneça estável ao longo do tempo.

## MÉTODO

### *Participantes*

Os participantes deste estudo são 23 atletas do sexo masculino, de uma equipa de futebol profissional. As idades dos atletas variam entre os 19 e os 34 anos (22.64 [+/-] 3.89), sendo atletas relativamente experientes, possuindo entre 4 e 25 anos de prática da modalidade (12.18 [+/-] 4.89).

### *Medidas*

*Coesão Grupal.* Para avaliar a coesão grupal foi utilizada uma versão portuguesa do Group Environment Questionnaire (GEQ-pt; Martins, Almeida & Viana, no prelo). Este questionário é constituído por 10 itens respondidos numa escala tipo Likert de 9 pontos (1=Discordo Totalmente; 9=Concordo Totalmente), divididos por quatro sub-escalas que pretendem avaliar outras tantas dimensões da coesão desportiva: Integração no Grupo – Tarefa [IG-T] (3 itens); Integração no Grupo – Social [IG-S] (3 itens); Atracção Individual para o Grupo – Tarefa [AIG-T] (2 itens); Atracção Individual para o Grupo – Social [AIG-S] (2 itens). As comparações entre as escalas vão revelar a importância que cada equipa e seus atletas atribuem aos diferentes aspectos da coesão. Os resultados totais e comparações entre cada uma das escalas conduzem a uma descrição da equipa, relativamente às forças que a mantêm unida e ao grau de coesão da mesma.

*Rendimento Desportivo Objectivo.* Os comportamentos de Rendimento Desportivo Objectivo foram operacionalizados em perdas e recuperação da posse de bola em dos períodos do jogo: nos primeiros 15 minutos de jogo e no tempo total da partida. Segundo Castelo (1994) entende-se por uma recuperação de bola quando o atleta se apodera da

mesma ou a repele na direcção de um membro da própria equipa, ficando esta com a posse de bola. Entende-se por perda de bola quando um atleta perde a posse de bola, quer pela acção de um indivíduo de outra equipa, quer pela sua própria acção, ficando a sua equipa sem a posse dela. Assim sendo, as perdas e recuperações (ambas incluem intersecções e desarmes do indivíduo ou de um adversário) são indicadores fiáveis de rendimento da equipa. Com estas medidas foram calculados os rácios de rendimento, que resultam da divisão da média de cada acção de rendimento (por jogador), pela média total de acções de rendimento na totalidade de jogos observados.

Por último, e tendo por base a fórmula exposta anteriormente calcularam-se diversos índices ou critérios de rendimento, nomeadamente:

- A) Rácio de bolas perdidas (Perd.): medida normalizada, calculada através da divisão entre a média de bolas perdidas por jogador num determinado jogo e a média de bolas perdidas pelo mesmo, no conjunto dos 10 jogos observados;
- B) Rácio de bolas recuperadas (Rec.): índice de rendimento similar ao anterior utilizando, contudo, a média de bolas recuperadas;
- C) Rácio de bolas perdidas 15' (Perd15'): medida normalizada, calculada através da divisão entre a média de bolas perdidas por jogador nos 15 minutos iniciais num determinado jogo e a média de bolas perdidas pelo mesmo, no mesmo período, no conjunto dos 10 jogos observados;
- D) Rácio de bolas recuperadas 15' (Rec15'): medida normalizada, calculada através da divisão entre a média de bolas recuperadas por jogador nos 15 minutos iniciais num determinado jogo e a média de bolas recuperadas pelo mesmo, no mesmo período, no conjunto dos 10 jogos observados.

*Rendimento Desportivo Subjectivo.* Foram utilizadas duas medidas subjectivas de rendimento: a percepção dos atletas em relação ao seu rendimento em cada partida (auto-avaliação do rendimento do atleta) e a percepção da equipa técnica em relação ao rendimento de cada atleta em cada partida (avaliação do rendimento realizada pelos treinadores). Ambas as medidas de rendimento foram recolhidas através de um questionário preenchido num momento pós-competitivo (Cruz, 1996; cit. por Almeida, 2003), que inclui três itens com respostas operacionalizadas em escalas contínuas, que variam entre 0 e 10, reflectindo os valores mais elevados, percepções mais elevadas de rendimento.



### *Procedimento*

A recolha de dados passou pela aplicação de questionários em momentos pré e pós-competitivos, e pela observação sistemática dos jogos da equipa. A aplicação do GEQ-pt aos atletas foi efectuada na parte final do último treino da semana. Num momento pós-competitivo, a avaliação do rendimento objectivo foi realizada por 2 pares de observadores independentes, através do visionamento de uma gravação do jogo. No dia a seguir à partida, no primeiro treino semanal, foi pedido aos atletas que avaliassem o seu rendimento (rendimento subjectivo) através de um questionário pós-competitivo, tal como foi pedido aos treinadores que avaliassem, no mesmo momento, o rendimento dos seus atletas. Este procedimento foi reproduzido ao longo de 10 momentos diferentes, que correspondem a 10 jogos.

## RESULTADOS

Visto que o objectivo desta investigação é o estudo da relação entre coesão e rendimento desportivo de uma equipa, é pertinente analisar o comportamento de ambas as variáveis durante o período de observação das mesmas. A tabela seguinte ilustra a variação das diferentes dimensões da coesão, ao longo dos 10 jogos que foram alvo de análise.

		Média	Desvio-Padrão	Máximo	Mínimo
Jogo 1 N=20	AIG-S	13,20	3,22	18,00	7,00
	AIG-T	15,30	2,13	18,00	11,00
	IG-T	19,00	4,81	27,00	10,00
	IG-S	17,25	3,40	24,00	10,00
Jogo 2 N=20	AIG-S	13,43	2,76	18,00	7,00
	AIG-T	14,87	2,65	18,00	7,00
	IG-T	18,91	4,36	26,00	9,00
	IG-S	16,26	4,39	22,00	5,00
Jogo 3 N=21	AIG-S	13,48	3,19	18,00	5,00
	AIG-T	15,00	2,15	18,00	11,00
	IG-T	20,38	4,42	27,00	8,00
	IG-S	15,81	4,37	25,00	6,00

(cont.)

Jogo 4 N=21	AIG-S	12.95	2.71	18.00	8.00
	AIG-T	14.25	2.47	18.00	10.00
	IG-T	19.90	4.52	26.00	9.00
	IG-S	16.33	3.07	21.00	9.00
Jogo 5 N=20	AIG-S	13.24	3.10	18.00	5.00
	AIG-T	13.29	3.36	18.00	5.00
	IG-T	19.67	4.14	26.00	10.00
	IG-S	15.86	3.20	22.00	7.00
Jogo 6 N=19	AIG-S	13.21	3.79	18.00	4.00
	AIG-T	14.11	3.14	18.00	8.00
	IG-T	19.89	5.22	26.00	9.00
	IG-S	16.21	3.58	22.00	6.00
Jogo 7 N=20	AIG-S	14.25	3.34	18.00	4.00
	AIG-T	14.55	2.72	18.00	9.00
	IG-T	18.95	5.13	26.00	5.00
	IG-S	16.16	3.63	22.00	8.00
Jogo 8 N=22	AIG-S	12.82	3.02	17.00	5.00
	AIG-T	13.91	2.76	18.00	9.00
	IG-T	18.46	4.82	26.00	5.00
	IG-S	15.52	4.48	21.00	5.00
Jogo 9 N=20	AIG-S	13.05	3.12	18.00	7.00
	AIG-T	14.40	2.85	18.00	7.00
	IG-T	18.30	6.38	27.00	5.00
	IG-S	16.20	4.40	23.00	7.00
Jogo 10 N=21	AIG-S	12.86	3.47	18.00	6.00
	AIG-T	13.57	3.09	18.00	7.00
	IG-T	16.52	5.75	26.00	3.00
	IG-S	14.52	4.30	22.00	4.00

Tabela 1: Medidas descritivas referentes às dimensões da coesão na totalidade de jogos analisados

A tabela anterior ilustra a variação das diferentes dimensões da coesão ao longo dos 10 jogos que foram alvo de análise. Tal como se pode constatar pela Tabela 1, e embora não se constatem grandes oscilações, o valor médio mais elevado da variável Atracção Individual para o Grupo – Social verificou-se no jogo 7, tendo-se verificado o valor médio mais baixo desta variável no jogo 8. De igual forma, os valores máximo e mínimo encontram-se compreendidos entre os valores 18.00 e 4.00 respectivamente. De igual forma e embora não se constatem grandes oscilações, o valor médio mais elevado da variável

Atracção Individual para o Grupo – Tarefa verificou-se no jogo 1, tendo-se verificado o valor médio mais baixo desta variável no jogo 5. De igual forma, os valores máximos e mínimos encontram-se compreendidos entre os valores 18.00 e 5.00 respectivamente.

Rendimento objectivo e subjectivo		Média	Mediana	Desvio-Padrão	Amplitude
Jogo 1	Rácio perdas	0.7	0.7	0.8	0.0 – 2.9
	Rácio recuperadas	0.7	0.7	0.8	0.0 – 2.7
	Rácio perdas aos 15 mins	0.4	0.0	0.6	0.0 – 1.8
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.3	0.0	0.6	0.0 – 2.1
	Rendimento subjectivo atletas	6.9	7.2	1.3	4.4 – 9.0
	Rendimento subjectivo treinadores	5.9	6.0	0.6	4.9 – 6.8
Jogo 2	Rácio perdas	0.9	0.6	0.9	0.0 – 2.9
	Rácio recuperadas	1.0	1.0	1.1	0.0 – 3.5
	Rácio perdas aos 15 mins	0.7	0.0	0.8	0.0 – 2.6
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.5	0.0	0.7	0.0 – 2.0
	Rendimento subjectivo atletas	6.9	7.4	1.8	3.2 – 9.1
	Rendimento subjectivo treinadores	6.7	6.8	0.6	4.9 – 7.5
Jogo 3	Rácio perdas	1.2	0.9	1.8	0.0 – 8.2
	Rácio recuperadas	1.4	1.1	3.0	0.0 – 14.2
	Rácio perdas aos 15 mins	0.6	0.0	1.0	0.0 – 3.4
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.4	0.0	0.7	0.0 – 2.6
	Rendimento subjectivo atletas	5.0	5.3	1.7	0.7 – 7.4
	Rendimento subjectivo treinadores	5.0	5.0	0.7	4.1 – 6.0
Jogo 4	Rácio perdas	2.1	1.4	3.2	0.0 – 14.4
	Rácio recuperadas	1.0	0.8	1.5	0.0 – 6.4
	Rácio perdas aos 15 mins	0.8	0.3	1.1	0.0 – 4.0
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.7	0.2	1.0	0.0 – 3.5
	Rendimento subjectivo atletas	5.8	5.6	1.4	3.8 – 8.8
	Rendimento subjectivo treinadores	5.6	5.5	1.0	2.8 – 6.8
Jogo 5	Rácio perdas	1.1	1.1	1.3	0.0 – 5.3
	Rácio recuperadas	0.4	0.5	3.4	0.0 – 13.2
	Rácio perdas aos 15 mins	0.5	0.0	0.6	0.0 – 1.5
	Rácio recuperadas aos 15 mins	1.7	0.0	0.6	0.0 – 2.1
	Rendimento subjectivo atletas	6.1	6.7	1.8	2.7 – 7.8
Jogo 6	Rácio perdas	1.7	0.7	2.2	0.0 – 9.1
	Rácio recuperadas	1.0	0.8	1.2	0.0 – 5.1
	Rácio perdas aos 15 mins	0.3	0.0	0.7	0.0 – 3.0
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.5	0.0	0.6	0.0 – 1.7
	Rendimento subjectivo atletas	5.7	5.5	1.8	1.1 – 8.3
	Rendimento subjectivo treinadores	5.0	5.0	0.6	3.7 – 6.0
Jogo 7	Rácio perdas	0.8	0.5	1.2	0.0 – 5.3
	Rácio recuperadas	0.9	0.4	1.5	0.0 – 6.3
	Rácio perdas aos 15 mins	0.4	0.0	0.6	0.0 – 1.7
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.4	0.0	0.7	0.0 – 2.5
	Rendimento subjectivo atletas	8.3	8.7	1.5	5.0 – 9.8
	Rendimento subjectivo treinadores	6.1	6.7	1.3	3.0 – 7.2
Jogo 8	Rácio perdas	0.8	0.7	0.8	0.0 – 2.3
	Rácio recuperadas	0.9	1.1	0.8	0.0 – 2.8
	Rácio perdas aos 15 mins	0.5	0.5	0.5	0.0 – 1.4
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.6	0.0	0.9	0.0 – 3.0
	Rendimento subjectivo atletas	3.8	4.1	1.8	0.1 – 5.8
	Rendimento subjectivo treinadores	5.1	5.4	1.1	2.6 – 6.3

(cont.)

Rendimento objectivo e subjectivo		Média	Mediana	Desvio-Padrão	Amplitude
Jogo 9	Rácio perdidas	1.0	0.6	1.2	0.0 – 4.4
	Rácio recuperadas	0.9	0.7	1.2	0.0 – 5.0
	Rácio perdidas aos 15 mins	0.5	0.2	0.7	0.0 – 2.5
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.4	0.0	0.6	0.0 – 1.7
	Rendimento subjectivo atletas	7.9	8.4	1.5	5.1 – 10.0
	Rendimento subjectivo treinadores	5.5	5.5	0.4	4.7 – 6.0
Jogo 10	Rácio perdidas	0.8	0.2	0.9	0.0 – 2.4
	Rácio recuperadas	1.2	0.2	1.7	0.0 – 6.4
	Rácio perdidas aos 15 mins	0.6	0.0	0.9	0.0 – 3.5
	Rácio recuperadas aos 15 mins	0.5	0.0	0.9	0.0 – 3.0
	Rendimento subjectivo atletas	7.2	6.8	1.3	5.6 – 10.3
	Rendimento subjectivo treinadores	6.0	6.1	0.6	4.9 – 6.9

Nota: Para Bolas perdidas, Bolas recuperadas, Rendimento subjectivo atletas e Rendimento subjectivo treinadores N = 14; para Perdidas 15' e Recuperadas 15' N = 11

Tabela 2: Estatísticas descritivas para as variáveis Rendimento Objectivo e Subjectivo ao longo dos 10 jogos observados

Tal como foi referido anteriormente na sua introdução, é pretensão deste estudo averiguar se, em cada jogo analisado, existe uma correlação entre os níveis de coesão e as diferentes medidas de rendimento desportivo. Simultaneamente, pretende-se verificar se as dimensões da coesão orientadas para a tarefa, ao contrário da coesão-social, se encontram correlacionadas positivamente com as diferentes medidas de rendimento desportivo.

Assim, para analisar a relação entre a Coesão e o Rendimento Desportivo e devido às propriedades de cada uma das variáveis, procedeu-se ao cálculo do coeficiente de correlação Ró de Spearman. Este coeficiente de correlação mede a intensidade da relação entre variáveis ordinais, aplicando-se igualmente em variáveis intervalo/ rácio (Pestana & Gageiro, 2003). A tabela seguinte expõe os resultados obtidos.

Jogo 1							Jogo 2					
	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t
AIG-S	-,289	-,030	-,578	-,137	-,294	-,299	-,458	-,136	-,425	-,585*	-,038	,402
AIG-T	-,249	-,011	-,162	-,382	,105	,252	-,219	-,163	-,275	-,200	,004	,068
IG-T	-,540*	-,428	,338	,000	-,520	-,480	-,386	-,047	,055	-,527	-,085	,278
IG-S	-,089	,167	,284	-,172	,207	,058	-,348	-,126	-,039	-,230	-,004	-,109
Jogo 3							Jogo 4					
	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t
AIG-S	,063	,076	,118	-,086	-,219	-,429	,080	,020	-,103	,412	,134	-,102
AIG-T	,027	-,118	-,081	-,446	-,433	-,303	-,294	-,580*	,194	,143	-,056	,162
IG-T	,015	-,130	,310	-,028	-,577*	,139	-,163	-,278	,011	,097	-,383	,079
IG-S	-,090	,139	,096	-,191	-,223	-,450	-,054	,056	-,220	,112	-,365	-,496
Jogo 5							Jogo 6					
	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t
AIG-S	,242	,137	-,040	-,277	,348	N.R	,025	-,221	,473	,602*	-,147	,615*
AIG-T	-,103	-,033	-,087	-,229	-,260	N.R	,050	,282	,142	,335	-,003	,239
IG-T	,451	,459	,087	-,005	,012	N.R	,369	,226	-,102	-,331	,033	-,080
IG-S	,223	-,145	-,054	-,329	,106	N.R	,266	,198	-,309	-,191	,248	,109
Jogo 7							Jogo 8					
	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t
AIG-S	-,027	-,159	,232	,147	,129	-,033	,301	-,142	-,113	-,142	,159	,164
AIG-T	,209	,025	-,190	-,278	,025	-,327	-,242	,266	,190	,266	-,184	,119
IG-T	-,140	-,345	-,350	-,029	,004	-,018	-,053	,472	,165	,472	,044	,275
IG-S	,123	,160	,009	,232	,071	-,055	-,568*	,155	-,287	,155	,243	,386
Jogo 9							Jogo 10					
	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t	Perd	Rec	Perd15'	Rec15'	Rend_at	Rend_t
AIG-S	,061	-,159	,178	-,723*	,060	,084	-,015	,006	,186	-,249	,223	,274
AIG-T	,062	,028	,056	-,377	,268	,071	-,138	-,271	-,030	-,132	,101	-,128
IG-T	,694**	,519	,499	-,083	,623*	,197	-,201	-,225	,032	,190	-,094	,004
IG-S	,181	,265	,285	,064	,146	,291	,147	-,303	,109	-,303	,203	-,009

Legenda: N.R. Não respondeu

\*\*p< 0,01 \*p< 0,05

Tabela 3: Correlações entre as dimensões do GEQ-pt e as medidas de rendimento objectivo e subjectivo nos 10 jogos analisados

Tal como se pode constatar através da observação da tabela anterior, no jogo 1 verifica-se uma correlação negativa entre a sub-escala Integração Individual para a Tarefa e o rácio de bolas perdidas ( $r_s = -.540$ ,  $p = .046$ ), isto é, quanto maior o grau das percepções de integração do indivíduo nas tarefas do grupo, menor será o valor da variável rácio de bolas perdidas. Este facto indicia que quantos mais os indivíduos percepcionarem uma maior semelhança, proximidade e união no interior da equipa como um todo face às tarefas do grupo, melhor será o seu rendimento desportivo (reflectindo-se no menor número de bolas perdidas, representado pelos valores do rácio).

No jogo 2 constatou-se uma correlação negativa ( $r_s = -.585$ ;  $p = .046$ ) entre a dimensão da coesão Atracção Individual para o Grupo – Social e a medida de bolas recuperadas nos primeiros 15 minutos do jogo, indiciando um menor rendimento alcançado pelos atletas neste período de jogo.

No jogo 3 e quanto às medidas de rendimento avaliado subjectivamente, foi encontrada uma correlação negativa ( $r_s = -.577$ ;  $p = .039$ ) entre esta variável e a sub-escala do GEQ-pt referente à IG-T, isto é, quanto maior o grau de Integração-Tarefa, inferiores serão as percepções individuais do rendimento por parte dos atletas.

De forma algo surpreendente, no jogo 4 verifica-se a existência de uma correlação negativa ( $r_s = -.580$ ;  $p = .038$ ) entre a dimensão Atracção Individual para o Grupo-Tarefa e a medida rácio de bolas recuperadas, sugerindo que, quanto maior o grau das percepções individuais dos membros da equipa acerca do seu envolvimento pessoal com as tarefas, produtividade e objectivos do grupo, menor será o valor desta medida de rendimento.

No que concerne ao jogo 6 pode-se constatar a existência de uma correlação positiva ( $r_s = .602$ ;  $p = .023$ ) entre a Atracção Individual para o Grupo-Social e a medida rácio de bolas recuperadas nos primeiros 15 minutos do jogo, o que indicia que quanto maior for a percepção relativa a esta dimensão da coesão, melhor o rendimento alcançado pelos atletas. De igual modo, verifica-se a existência de uma correlação positiva ( $r_s = .615$ ,  $p = .025$ ) entre a Atracção Individual para o Grupo-Social e a avaliação subjectiva que os treinadores fazem do rendimento dos seus atletas.

No jogo 8 verifica-se a existência de uma correlação negativa ( $r_s = -.568$ ;  $p = .034$ ) entre a dimensão IG-S e a medida rácio de bolas perdidas, isto é, quanto maior for o grau das percepções individuais dos membros da equipa acerca da semelhança, proximidade e união

no interior da equipa como um todo, face ao grupo enquanto unidade social, menor será o valor desta medida de rendimento, indiciando um melhor rendimento por parte dos atletas.

Surpreendentemente no jogo 9, verifica-se uma correlação positiva ( $r_s = .694$ ;  $p = .006$ ) entre a dimensão IG-T e a medida rácio de bolas perdidas, isto é, quanto maior o grau das percepções individuais dos membros da equipa acerca da semelhança, proximidade e união no interior da equipa como um todo, face às tarefas do grupo, maior será o valor do rácio de bolas perdidas, indiciando um menor rendimento por parte dos atletas. No que concerne às relações entre a coesão e as medidas de rendimento subjectivo, verificou-se a existência de uma correlação positiva ( $r_s = .623$ ;  $p = .017$ ) entre a dimensão de Integração com orientação para a tarefa e as medidas de rendimento subjectivo referentes aos atletas, isto é, quanto maior for o grau de percepção desta dimensão da coesão, melhor será a avaliação efectuada pelos atletas relativamente ao seu próprio rendimento.

Outro das análises realizadas no âmbito desta temática foi a comparação de médias relativas às percepções individuais de Coesão de atletas com alto e baixo rendimento desportivo. Esta análise é pertinente, na medida em que existe uma evidência teórica e empírica de diferenças significativas nas percepções individuais de Coesão de atletas com diferentes rendimentos desportivos (Antunes & Cruz, 1997).

Para tal, os atletas foram divididos em dois grupos de rendimento objectivo com base num critério de rendimento normalizado, calculado através da divisão do saldo (i.e. subtracção da média de bolas perdidas à média de bolas recuperadas) obtido por um jogador num determinado jogo pelo saldo médio do mesmo, nos 10 jogos observados. Assim: grupo de baixo rendimento, localizado até ao valor do percentil 40 (P40 rend. obj. = .97) e grupo de alto rendimento, localizado a partir do valor do percentil 60 (P60 rend. obj. = 1.12).

Devido às características das variáveis a analisar, nomeadamente o facto dos  $n$ 's serem pequenos, foi utilizado o teste não-paramétrico de Mann-Whitney. Este teste compara o centro de localização das duas amostras, como forma de detectar diferenças entre as duas populações correspondentes, permitindo verificar se os dois grupos são iguais em tendência central (Pestana & Gageiro, 2003). A Tabela 4 mostra as medidas descritivas para os dois grupos e o resultado do teste Mann-Whitney.

	Alto Rendimento N=8		Baixo Rendimento N=8		<i>U</i>	<i>p-value</i>
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão		
<b>AIG-S</b>	13,44	2,00	14,24	2,54	24,00	0,401
<b>AIG-T</b>	14,05	2,16	14,55	1,53	30,50	0,875
<b>IG-T</b>	20,13	3,84	19,90	3,35	30,00	0,834
<b>IG-S</b>	16,60	1,92	16,44	3,03	30,50	0,875

Tabela 4: Teste de Mann-Whitney para os grupos de alto e baixo rendimento objectivo

Os valores apresentados na tabela anterior, nomeadamente os valores do *p-value* maiores que o nível de significância de 0,05, permitem concluir que não existem diferenças significativas nas percepções de coesão, independentemente do grupo de rendimento em que os atletas se encontram.

Tal como efectuado na análise anterior, os atletas foram divididos em dois grupos de rendimento com base nas suas respectivas médias de rendimento subjectivo: grupo de baixo rendimento, localizado até ao valor do percentil 40 (P40 rend. subj. = .5.85) e grupo de alto rendimento, localizado a partir do valor do percentil 60 (P60 rend. subj. = 6.76). De seguida e de forma a aferir a existência de diferenças significativas nas percepções de coesão entre os dois grupos de rendimento subjectivo, foi utilizado o teste não-paramétrico Mann-Whitney.

A Tabela 5 apresenta as medidas descritivas relativas aos dois grupos, bem como as estatísticas de teste e os valores de *p-value* associados.

	Alto Rendimento N=7		Baixo Rendimento N=8		<i>U</i>	<i>p-value</i>
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão		
<b>AIG-S</b>	13,32	2,10	14,21	2,89	21,00	0,418
<b>AIG-T</b>	13,89	1,72	15,19	2,16	18,50	0,271
<b>IG-T</b>	19,19	6,54	19,81	2,07	24,00	0,643
<b>IG-S</b>	15,56	2,92	17,93	1,58	14,00	0,105

Tabela 5: Teste de Mann-Whitney para os grupos de alto e baixo rendimento subjectivo

Os valores apresentados na tabela anterior, nomeadamente os valores dos *p-value* superiores ao nível de significância de 0,05, permitem concluir que não existem diferenças



significativas nas percepções de coesão, independentemente do grupo de rendimento em que os atletas se encontram.

## DISCUSSÃO

O objectivo principal propunha-se analisar, de uma forma longitudinal, a relação entre a Coesão e o Rendimento desportivo. Os resultados indicam que existe uma correlação entre ambas as variáveis, o que permite confirmar a hipótese formulada. Vê-se assim confirmada a visão de autores como Widmeyer e colaboradores (1993) e Carron, Colman e colaboradores (2002). Assim como corroboram os resultados encontrados por Evans e Dion (1991), Giuly e seus colegas (1995) e Beal e colaboradores (2003) nas meta-análises realizadas.

Mullen e Copper (1994) referem que contrariamente ao que se verifica relativamente a outros tipos de grupo, as equipas desportivas são caracterizadas por um elevado grau de percepções de identidade grupal, onde os padrões de excelência são claros, estando geralmente absorptos e partilhados por todos os membros, sendo que o sucesso e o fracasso são percebidos e vividos de forma distinta. Este facto pode ser assumido como uma possível explicação para os resultados alcançados.

Contudo, relativamente à hipótese formulada nesta investigação, no que concerne às diferentes dimensões da coesão com orientação para a tarefa e social e sua relação com o rendimento desportivo, os resultados obtidos permitem rejeitar a mesma. De facto, e ao contrário do que seria expectável, constatou-se a existência de correlações entre a dimensão Integração no Grupo-Social e as diferentes medidas de rendimento objectivo. Deste modo, os resultados contradizem as abordagens de autores como Widmeyer e seus colegas (1993), Carron, Bray e colaboradores (2002) e Weinberg e Gould (2003), ao afirmarem que, geralmente, são encontradas correlações positivas entre a coesão para a tarefa e o rendimento, contrariamente ao que sucede na sua relação com a coesão social.

Todavia, estes resultados vão de encontro às conclusões observadas por Slater e Sewell (1994) e Carron, Colman e colaboradores (2002). De acordo com estes autores, na sua meta-análise, não foram encontradas diferenças significativas entre as diferentes manifestações da coesão operacionalizadas através do GEQ, isto é, ambos os constructos de integração no grupo (tarefa e social) e ambos os constructos de atracção individual para o grupo (tarefa e social) apresentam uma relação com o rendimento.

O modelo conceptual de coesão proposto por Carron e colaboradores (1985) e a definição multidimensional de Carron e colegas (1998), baseia-se no pressuposto de que cada membro de um grupo percebe e possui crenças de que o seu grupo lhe permite suplantar as suas necessidades sócio-afectivas e de tarefa que, actuando em conjunto, formam um sentimento individual e grupal de coesão. Logo, o constructo multidimensional de coesão é um constructo composto e dinâmico, sendo influenciado pelos objectivos grupais e pelos acontecimentos de ordem social que caracterizam o quotidiano de uma equipa desportiva. De facto, derivado das propriedades especiais das equipas desportivas e do contexto desportivo em geral, Tziner, Nicola e Rizac (2003) afirmam que a relação entre o rendimento desportivo e a coesão orientada para os objectivos instrumentais do grupo (coesão-tarefa) é mediada pela intensidade das relações interpessoais entre os membros da equipa, ou seja, pela coesão social. Esta pode ser assumida como uma possível explicação para os resultados alcançados.

Relativamente ao hipoteticamente proposto de que existiam relações positivas entre as dimensões da coesão orientadas para a tarefa (AIG – T e IG – T) e o rendimento desportivo, os resultados obtidos permitem concluir que apesar dessas relações se confirmarem, verificaram-se de igual forma relações negativas entre as variáveis. Apesar de nesta investigação não serem medidos os níveis de coesão grupal nem ser feita uma observação sistemática do rendimento nos jogos realizados fora, os resultados destes jogos puderam ser controlados, bem como a influência dos mesmos na posição classificativa na equipa. Este facto, juntamente com o acompanhamento regular da equipa possibilita uma abordagem qualitativa às relações negativas entre as variáveis.

De facto, verificaram-se relações negativas entre coesão-rendimento nos jogos 4 e 9. Nas partidas que antecederam estes jogos (jogos fora), a equipa não foi além de um empate nas três primeiras e de uma derrota na última, sendo que estes resultados provocaram uma descida na tabela classificativa. No que concerne aos níveis de coesão nos jogos em que se constata relações negativas entre as variáveis, as sub-escalas do GEQ\_pt apresentam valores inferiores à média verificada na totalidade dos jogos observados. Estes valores parecem indicar que, de facto, existe uma influência dos resultados obtidos pela equipa nos jogos fora e da consequente descida na tabela classificativa nas percepções individuais de coesão, provocando um decréscimo nos valores das mesmas. Estes resultados parecem suportar a existência de uma relação circular entre a coesão e o rendimento desportivo.

De acordo com Weinberg e Gould (2003) um elevado grau de coesão origina um melhor rendimento e um melhor rendimento leva a que uma equipa se una mais, aumentando assim

o seu grau de coesão. Contudo, os autores afirmam que apesar da natureza circular da relação, o efeito do rendimento na coesão parece ser superior. Esta pode ser assumida como uma possível explicação para os resultados alcançados. Apesar desta provável explicação, os resultados obtidos devem ser analisados com algumas cautelas, nomeadamente no que diz respeito à grande variedade de factores impossíveis de serem controlados e que podem condicionar esta relação (p. e., sucesso antecedente da equipa, estilo de liderança do treinador, competências dos atletas, etc.).

Outra das análises efectuadas tinha por objectivo averiguar se existiam diferenças significativas relativamente às percepções individuais de coesão, para atletas com alto e baixo rendimento objectivo e subjectivo. Contudo, não se verificaram diferenças significativas para quaisquer dos grupos. Estes resultados causam uma nítida surpresa, uma vez que vêm contrariar as evidências teóricas e empíricas existentes. De acordo Antunes e Cruz (1997), entre outras variáveis, a coesão de tarefa em termos de integração no grupo (IG-T), resultante das percepções dos atletas, permite discriminar os atletas dos dois grupos. Contudo, este pressuposto não se aplica à amostra considerada no presente estudo.

Apesar deste facto e com as devidas limitações que possam possuir, os resultados anteriores contribuíram para a ideia de que, na amostra considerada, os membros da equipa percepcionavam uma elevada semelhança, proximidade e união no interior da equipa, face às tarefas do grupo. Esta concepção é corroborada pelos valores obtidos nas estatísticas descritivas para a totalidade dos jogos, onde a coesão de tarefa em termos de integração no grupo (IG-T) apresenta valores médios superiores a qualquer outra dimensão da coesão. De igual forma, a diferença relativa às percepções de coesão entre ambos os grupos de rendimento é mínima. Como tal, esta similaridade (constante) das percepções individuais de coesão orientada para as tarefas e objectivos do grupo, parece ser suportada pela concepção avançada por Carron e colaboradores (2003), que propuseram que as percepções individuais de coesão reflectem crenças partilhadas de coesão grupal em equipas desportivas. Esta pode ser uma explicação válida, visto que os resultados obtidos parecem indiciar a incapacidade para discriminar os sujeitos tendo em conta o seu rendimento.

E com estes resultados se corroborou e confrontou algumas ideias e estudos empíricos já existentes, como se procurou contribuir para o conhecimento, embora limitado, de alguma realidade ainda não explorada, principalmente no que concerne ao estudo longitudinal da relação coesão-rendimento.

Como limitações a este estudo, foca-se, entre outras, o reduzido número de jogos analisados (apenas 10% da totalidade dos jogos da competição onde a equipa se encontrava inserida) e o facto da totalidade dos mesmos terem sido efectuados em “casa”.

Outra das limitações centra-se no facto deste estudo ser do tipo correlacional. Segundo a tipologia de Bryman e Cramer (2001), um plano correlacional ou inquérito é caracterizado pelo facto do investigador não manipular qualquer variável. De igual forma, é notória a tendência que o plano correlacional possui para revelar relações entre variáveis e a sua limitação no que se refere à possibilidade de estabelecer processos causais. Isto acontece porque neste tipo de investigação as variáveis não são manipuladas (e, muitas vezes, não são susceptíveis de o ser) e assim a possibilidade do investigador determinar a causa e o efeito é limitada.

O delineamento longitudinal utilizado neste estudo acarreta outra limitação. De facto, um problema específico deste tipo de metodologia prende-se com o facto dos mesmos indivíduos serem testados continuamente durante um longo período de tempo, podendo desta forma originar modificações nos seus comportamentos de formas indeterminadas (Harway, Medrick, & Medrick, 1984). De acordo com estes autores, outro dos problemas desta metodologia diz respeito aos intervalos temporais entre cada recolha de dados, nomeadamente no que se refere ao grau de alteração das características mensuradas, a frequência com que ocorrem certo tipo eventos entre cada medição e na possibilidade dos mesmos afectarem equitativamente todos os sujeitos.

No entanto, para a equipa em questão, o estudo desenvolvido pode possuir alguma pertinência. Como referido anteriormente, ambas as orientações da coesão possuem uma relação com o rendimento desportivo. Assim, estes resultados indicam a necessidade de treinador e psicólogo utilizarem estratégias de intervenção direccionadas para a potencialização das percepções de coesão social e tarefa, dos atletas e da equipa em geral.

Em trabalhos futuros, haveria um conjunto de investigações pertinentes a elaborar, tendo por base os objectivos e resultados apresentados neste estudo. Estudos posteriores poderiam controlar, através de entrevistas com os intervenientes, os incidentes da equipa ao longo da época. Esta metodologia de cariz qualitativo poderia fornecer informações pertinentes acerca das relações entre a coesão da equipa e o seu rendimento, por permitir analisar o efeito de variáveis mediadoras da relação.

De igual modo, futuras investigações poderiam analisar em que medida a relação entre coesão-rendimento seria afectada por diversas variáveis moderadoras, entre outras, o tempo de experiência na prática da modalidade, o *status* dos membros da equipa (tempo de jogo, jogadores habitualmente titulares e suplentes, etc.). Seria de igual forma útil analisar o impacto dos objectivos e normas grupais na relação entre as variáveis. Por outro lado, devido ao facto de neste estudo se terem observado apenas os jogos realizados em casa, poder-se-ia também investigar o impacto do local de realização do jogo (casa/fora), por forma a extrapolar se esta variável possuía algum efeito na relação coesão-rendimento.

Numa vertente mais prática e interventiva, se possível, seria interessante verificar o impacto de técnicas de *team-building* (orientadas para a coesão social e de tarefa) na relação coesão-rendimento, sendo que, para tal, existiria uma análise da relação entre as percepções individuais de coesão e do rendimento desportivo, antes e depois da intervenção.

Apesar de ter contribuído para a compreensão desta relação que tanto interesse suscitou em diversos contextos, este estudo não possibilita chegar a uma resposta definitiva. A ciência encontra-se em constante evolução, pelo que não existem respostas totalmente definitivas. Contudo, se fosse possível generalizar os resultados encontrados nesta investigação, apesar da natureza das equipas desportivas se enquadrar numa dinâmica que reflecte a tendência para o grupo se manter unido na perseguição das suas metas e objectivos, existe também um carácter intergrupar que as caracteriza, e que, de igual modo, influencia os produtos grupais e individuais, tais como o rendimento.

Para finalizar, e tal como referem Cruz e Antunes (1996) acerca da psicologia da equipa e o modo como se constrói uma equipa, um dos elementos fundamentais para compreender as diferenças entre equipas ganhadoras de equipas menos bem sucedidas, foi não só a integração na tarefa, mas também a coesão social, o que significa que uma equipa se constrói dentro e fora do “terreno de jogo”. Assim sendo, não devemos considerar a relação coesão-rendimento como sendo “hermética”, mas como passível de influência por parte de outras manifestações das dinâmicas grupais.

## Referências

- Almeida, P. L. (2003). Memoria Docente e Investigadora para la obtención del Diploma de Estudios Avanzados. U. N. E. D. Facultad de Psicología; Departamento de Personalidad, Evaluación y Tratamientos Psicológicos.
- Antunes, J & Cruz, J. (1997). Dinâmicas de grupo e sucesso na alta competição. *Actas do I Encontro Internacional de Psicologia Aplicada ao Desporto e à Actividade Física*. Braga: Universidade do Minho.
- Beal, D. J., Cohen, R. R., Burke, M. J., & Mclendon, C. L. (2003). A Meta-Analytic Clarification of Construct Relations. *Journal of Applied Psychology*, 88(6), 989-1004.
- Bryman, A., & Cramer, D. (2001). *Análise de dados em Ciências Sociais: Introdução às Técnicas utilizando o SPSS para Windows*. Oeiras: Celta Editora.
- Carron, A. V. (1982). Cohesiveness in sport groups: Interpretations and considerations. *Journal of Sport Psychologist*, 4, 123-138.
- Carron, A. V. (1988). Group dynamics in sport: *Theoretical and practical issues*. London, Ontario: Sports Dynamics.
- Carron, A. V. (1993). Group dynamics in sport. In S. Serpa, J. Alves, V. Ferreira, & A. P. Brito (Eds.), *Proceedings of the Eight World Congress of Sport Psychology* (pp. 43-64). Lisbon.
- Carron, A.V., Spink, K. S. (1995). The group-size cohesion relationship in minimal groups. *Small Group Research*, 26, 86-105.
- Carron, A., Bray, S. R., & Eys, M. A. (2002). Team cohesion and team success in sport. *Journal of Sports Sciences*, 20, 119-139.
- Carron, A., Brawley, L. R., & Widmeyer, W. N. (1998). Measurement of cohesion in sport and exercise. In J. L. Duda (Ed.), *Advances in sport and exercise psychology measurement* (pp. 213-226). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

Carron, A. V., Widmeyer, W. N., & Brawley, L. R. (1985). The development of an instrument to assess cohesion in sport teams: The group environmental questionnaire. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 7, 244-266.

Carron, A. V., Colman, M. M., Wheeler, J., Stevens, D. (2002). Cohesion and Performance in Sport: A Meta Analysis. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 24, 168-188.

Carron, A., Brawley, L. R., Eys, M. A., Bray, S., Dorsch, K., Estabrooks, P., Hall, C. R., Hardy, J., Hausenblas, H., Madison, R., Paskevich, D., Patterson, M. M., Prapavessis, H., Spink, K. S., & Terry, P. C. (2003). Do individual perceptions of group cohesion reflect shared beliefs? *Small Group Research*, 34(4), 468-496.

Cruz, J. F., Antunes, J. (1996). Dinâmica de Grupos e Coesão nas Equipas Desportivas. In J. F. Cruz (Ed.), *Manual de Psicologia do Desporto* (pp. 425-445). Braga: SHO.

Dion, K. L. (2000). From "Field of Forces" to Multidimensional Construct. *Group Dynamics*, 4(1), 7-26.

Evans, N. J., & Dion, K. L. (1991). Group cohesion and performance: A meta-analysis. *Small Group Research*, 22, 175-186.

Gill, D. (1986). *Psychological Dynamics of Sport. Human Kinetics Book*. Champaign: USA.

Gully, S.M.; Devine, D.J. & Whitney, D.J. (1995). A Meta-Analysis of Cohesion and Performance: Effects of Level Analysis and Task Interdependence. *Small Group Research*, 26(4), 496-518.

Harway, M.; Mednick, S. A.; & Mednick, B. (1984). Research Strategies: Methodological and Practical Problems. In S. A. Mednick, M. Harway, K. M. Finello (Eds). New York: Praeger.

Huici, C. (1985). *Estructura y procesos de grupo*. Madrid: Rufino Garcia Blanco.

Mullen, B., & Copper, C. (1994). The relation between group cohesiveness and performance: An integration. *Psychological Bulletin*, 115, 210-227.

Paskevitch, D.M.; Estabrooks, P.A., Brawley, L.R. & Carron, A.V. (2001). Group Cohesion in Sport and Exercise. In R. Singer (Ed.), *Handbook of Sport Psychology* (pp. 472-492). New York: John Wiley and Sons.

Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2003). *Análise de dados para Ciências Sociais – A complementariedade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.

Slater, M. R., & Sewell, D. F. (1994). An examination of the cohesion-performance relationship in university hockey teams. *Journal of Sports Sciences*, 12, 423-431.

Tziner, A.; Nicola, N.; Rizac, A. (2003). Relation between social cohesion and team performance in soccer teams, *Perceptual and Motor Skills*, 96 (1), 145-149.

Weinberg, R., & Gould, D. (2003). *Foundations of sport and exercise psychology* (3<sup>a</sup> Ed). Champaign, IL: Human Kinetics.

Widmeyer, W. N., Brawley, L. R., & Carron, A V. (1993). Group cohesion in sport and exercise. In R.N. Singer, M. Murphey, & L. K. Tennant (Eds.), *Handbook of Research and Sport Psychology* (pp. 672-692).



**ANEXOS**

Anexo A

## QUESTIONÁRIO DE AMBIENTE DE GRUPO

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M \_\_\_ F \_\_\_

Modalidade: \_\_\_\_\_ Anos de Pratica da Modalidade: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Nível Competitivo Actual (assinale um):    \_\_\_ Mundial    \_\_\_ Europeu    \_\_\_ Nacional  
    \_\_\_ Regional    \_\_\_ Junior/Juvenil    Outro \_\_\_\_\_

**Instruções:** Este questionário destina-se a avaliar a forma como vê a equipa desportiva de que faz parte. Não há respostas certas ou erradas, seja sincero e responda de acordo com a sua primeira reacção. Algumas perguntas podem parecer repetidas mas, por favor, responda a **TODAS** as questões. As suas respostas são inteiramente confidenciais.

\*\*\*\*\*

As seguintes questões destinam-se a avaliar a forma como se **SENTE PESSOALMENTE ENVOLVIDO** na sua equipa. Assinale com uma cruz os número de 1 a 9, que melhor indicar o seu grau de concordância com cada uma das afirmações.

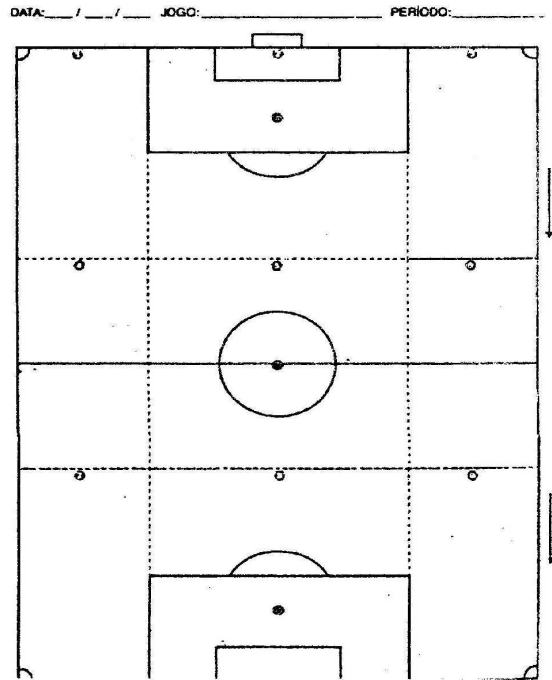
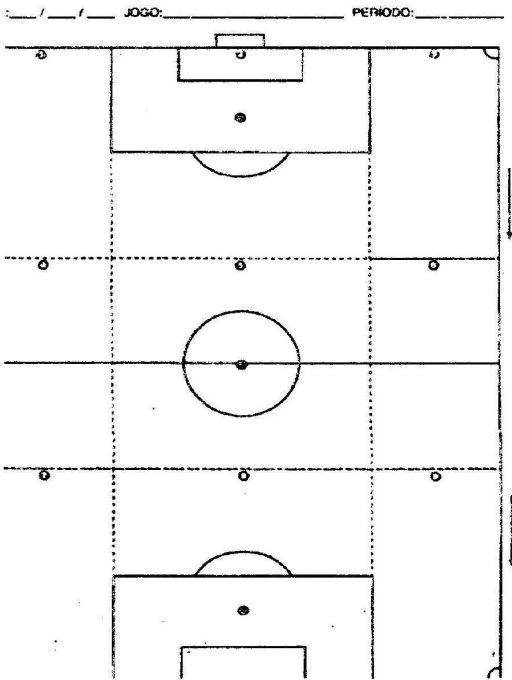
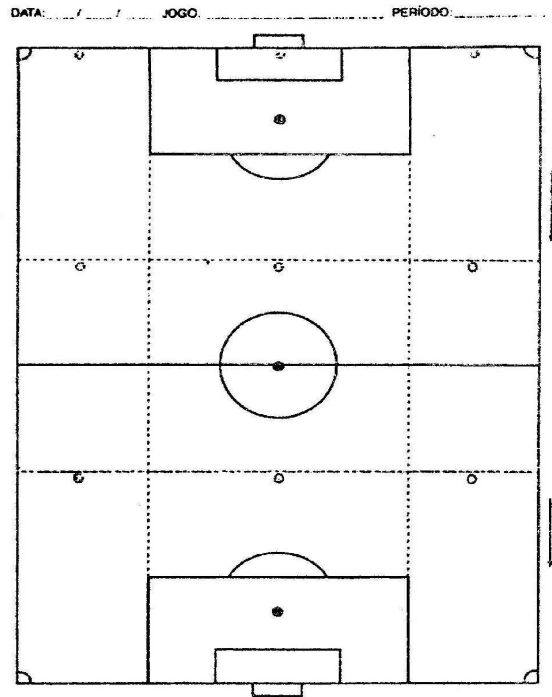
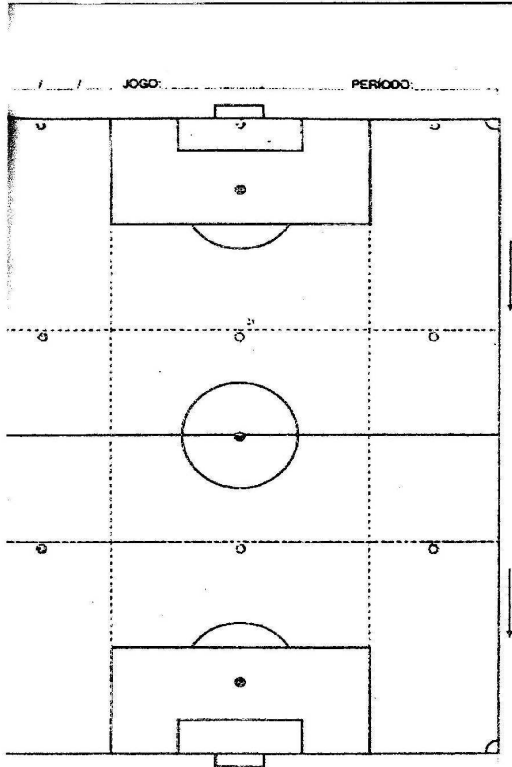
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>9</b>
<b>Discordo Totalmente</b>					<b>Concordo Totalmente</b>			

**LEMBRE-SE** de que não há respostas certas ou erradas. Procure ser o mais sincero(a) e aberto(a) possível de modo a permitir uma melhor compreensão da forma como se sente. Tenha o cuidado em responder a todas as questões.

- |  |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. Não gosto de tomar parte nas actividades sociais desta equipa.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 2. Não estou satisfeito/a com a quantidade de tempo de jogo que tenho tido.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 3. Não vou sentir saudades dos/as meus ainda colegas de equipa.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 4. Não estou satisfeito com o grau de vontade de ganhar (vencer) da minha equipa.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 5. Alguns dos/as meus/minhas amigos/as estão nesta equipa.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 6. Esta equipa não me dá oportunidades suficientes para melhorar.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 7. Prefiro outras festas às festas da equipa.  | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 8. Não gosto do estilo de jogo desta equipa.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 9. Esta equipa é para mim um dos grupos sociais mais importantes a que pertenço.   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
| 10. A experiência com esta equipa tem-me proporcionado as melhores condições para desenvolver as minhas capacidades atléticas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
	<b>Discordo Totalmente</b>				<b>Concordo Totalmente</b>				
<b>11.</b> Ocupo a maior parte dos meus tempos livres com os meus colegas de equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>12.</b> Sinto que as metas e objectivos desportivos da equipa são opostos aos meus objectivos pessoais enquanto atleta.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>13.</b> Estou sempre pronto a sacrificar os meus objectivos pessoais pelos da equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>14.</b> A nossa equipa está unida na tentativa de alcançar os seus objectivos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>15.</b> Os membros da nossa equipa preferem sair sozinhos do que conviver com a equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>16.</b> Todos assumi-mos a responsabilidade por qualquer derrota ou fraco rendimento da equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>17.</b> Os membros da nossa equipa raramente fazem festas juntos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>18.</b> Os membros da nossa equipa têm aspirações que entrechocam no que respeita ao rendimento do conjunto.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>19.</b> A nossa equipa gostaria de conviver fora de época.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>20.</b> Se os colegas da nossa equipa têm conflitos nos treinos, todos os atletas os querem ajudar de modo a que se possa voltar a trabalhar em conjunto.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>21.</b> Os colegas da nossa equipa não são unidos fora dos jogos e treinos.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>22.</b> Os colegas de equipa não falam aberta e livremente acerca das responsabilidades de cada atleta durante os treinos e competições.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>23.</b> A equipa encontra-se muitas vezes fora dos treinos e competições.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>24.</b> Quando há problemas na equipa o conflito de objectivos e aspirações na equipa vem facilmente ao de cima.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>25.</b> Os membros da equipa têm uma maneira de ser e de estar muito parecida.	1	2	3	4	5	6	7	8	9
<b>26.</b> Todos os atletas estão preparados para porem de lado os seus objectivos pessoais pelos da equipa.	1	2	3	4	5	6	7	8	9

Anexo B



Anexo C

### Questionário Pós-competitivo

---

Nome e número: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Adversário: \_\_\_\_\_

---

Como avalia a sua eficácia na execução das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz	Totalmente
Eficaz	
(0%) _____	(100%) _____

Como avalia a sua contribuição individual para o rendimento obtido pela equipa :

Nenhuma	Elevada
(0%) _____	(100%) _____

Como avalia a sua satisfação pessoal com o resultado obtido :

Muito	Muito
Insatisfeito _____	Satisfeito _____

Qual a causa que atribui ao resultado:

Sorte <input type="checkbox"/>	Cansaço da outra equipa <input type="checkbox"/>	Jogámos bem <input type="checkbox"/>
Azar <input type="checkbox"/>	Cansaço da nossa equipa <input type="checkbox"/>	Jogámos mal <input type="checkbox"/>

Outra  Qual? \_\_\_\_\_



Anexo D

## AVALIAÇÃO DOS TREINADORES \_\_\_\_\_

**JOGO:**

**DATA:**

Como avalia a eficácia do jogador (nome) \_\_\_\_\_ na execução  
das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz ( 0%) \_\_\_\_\_ Totalmente Eficaz (100%)

Como avalia a eficácia do jogador (nome) \_\_\_\_\_ na execução  
das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz ( 0%) \_\_\_\_\_ Totalmente Eficaz (100%)

Como avalia a eficácia do jogador (nome) \_\_\_\_\_ na execução  
das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz ( 0%) \_\_\_\_\_ Totalmente Eficaz (100%)

Como avalia a eficácia do jogador (nome) \_\_\_\_\_ na execução  
das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz ( 0%) \_\_\_\_\_ Totalmente Eficaz (100%)

Como avalia a eficácia do jogador (nome) \_\_\_\_\_ na execução  
das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz ( 0%) \_\_\_\_\_ Totalmente Eficaz (100%)

Como avalia a eficácia do jogador (nome) \_\_\_\_\_ na execução  
das tarefas que lhe foram confiadas para o jogo de hoje:

Nada Eficaz ( 0%) \_\_\_\_\_ Totalmente Eficaz (100%)

---

Anexo E

### Índice de concordancia inter-observadores

Devido à elevada amplitude e complexidade dos diferentes comportamentos alvo e da tarefa de registo, para avaliar a objectividade dos dados irá calcular-se o índice de concordância dos registos dos diferentes observadores, ou seja, a fiabilidade inter-observadores. Deste modo, utilizou-se o seguinte índice de concordância proposto por Fontes de Garcia, Garcia, Garriga, Pérez-Llantada & Sarriá (2001):

$$\text{Percentagem de acordo} = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ de acordos}}{\text{N}^{\circ} \text{ de acordos} + \text{N}^{\circ} \text{ de desacordos}} \times 100$$

Calculou-se este índice para cada um dos comportamentos na totalidade de jogos analisados. A tabela seguinte expõe os valores relativos a este índice para cada um dos comportamentos observados, na totalidade dos jogos observados.

Jogos	Ind. Conc. Bolas perdidas	Ind. Conc. Bolas recuperadas	Ind. Conc. Bolas perdidas 15'	Ind. Conc. Bolas recuperadas 15'
1	97%	96%	86%	93%
2	86%	85%	84%	83%
3	96%	89%	94%	100%
4	81%	87%	80%	89%
5	87%	96%	96%	94%
6	88%	89%	84%	89%
7	84%	86%	89%	85%
8	98%	89%	93%	86%
9	83%	93%	87%	90%
10	86%	92%	88%	96%

Tabela...: Índices de concordância inter-observadores para cada um dos comportamentos na totalidade de jogos analisados

Analisando os valores relativos aos índices de concordância apresentados na tabela anterior, e tendo em conta o valor critério de 85% proposto por Shaughnessy, Zechmeister e Zechmeister (2006), pode-se concluir que em geral as medidas possuem uma boa fiabilidade. Contudo, registam-se algumas situações em que os valores obtidos estão abaixo do valor critério proposto pelos autores citados anteriormente. Embora não seja impeditivo da utilização destes dados, a sua interpretação em análises posteriores deve ser feita com alguns cuidados.

Anexo F

## INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade, o estudo do Homem e da sua experiência social tem suscitado grande interesse. Tal como refere Aristóteles “o Homem é um ser eminentemente social”, remetendo para a concepção de que um indivíduo, por mais isolado que esteja, vive sempre em sociedade. A experiência social proporciona ao indivíduo sentimentos de identificação com os seus pares e com os diferentes grupos, sendo que estes podem ser assumidos como pequenos microssistemas constituintes da sociedade em geral. Assim sendo, e tal como referem Carron, Brawley e Widmeyer (1998) se um grupo existe é porque possui um determinado grau de coesão.

O termo coesão deriva do Latim *cohaesus* que significa manter-se unido (Carron & Hausenblas, 1998). De facto, na Psicologia e nas ciências sociais, este constructo tem sido descrito como o processo que mantém os membros de um grupo ou entidade social unidos. Diversos autores enfatizaram a importância da coesão grupal devido às correlações que possui com outros importantes fenómenos grupais, tais como o rendimento.

O objectivo principal deste estudo correlacional do tipo longitudinal é analisar a relação entre a coesão e o rendimento, numa equipa desportiva ao longo de meia época desportiva. Outros objectivos implícitos nesta investigação incluem: verificar se, de facto, existe uma relação positiva entre as variáveis, e ainda se a coesão direccionada para a tarefa e objectivos do grupo possui uma relação com o rendimento, contrariamente à coesão orientada para os aspectos sociais do grupo.

O estudo da coesão grupal no contexto desportivo nomeadamente nas suas relações com a eficácia das equipas tem uma longa e rica tradição. Em particular a Universidade de Illinois desempenhou um papel fulcral na investigação nesta área com o estudo desenvolvido por Fiedler (1954; cit. por Carron et al., 1998) a dar o mote, concluindo que não existiam quaisquer relações entre as variáveis. Esta conclusão, sendo contrária à noção intuitiva de que a proximidade dos membros de um grupo contribui para o sucesso de uma equipa, contribuiu para a continuidade de um grande número de estudos sobre a relação coesão-rendimento (Cruz & Andrade, 1996). Assim, estudos conduzidos posteriormente (Strogdill, 1963; Smith, 1968; Velder, 1971; cit. por Carron et al., 1998) evidenciaram uma relação positiva entre a proximidade da equipa e o respectivo rendimento. Actualmente as diversas revisões literárias têm confirmado estes resultados (Beal, Cohen, Burke & McLendon, 2003; Gully, Devine & Whitney, 1995; Mullen & Copper, 1994).

Contudo, tal como refere Carron (1980; cit. por Carron, Colman, Wheeler & Stevens, 2002) “os resultados dos estudos que examinaram o efeito da coesão no rendimento não têm sido consistentes” (p.168).

A pertinência deste tema prende-se com a frequência com que atletas e treinadores atribuem o êxito desportivo ao funcionamento da equipa como unidade ou grupo, sendo constante as afirmações que enfatizam a importância desta relação. Apesar da distinção entre coesão social e para a tarefa ser suportada teórica e empiricamente, este trabalho pode ser igualmente útil devido à necessidade de explorar a forma como as duas orientações da Coesão (social e tarefa) afectam o Rendimento (Gully et al., 1995).

Acrescenta-se às razões pertinentes para a realização deste trabalho, o facto de não terem sido encontrados na revisão literária efectuada, estudos com design longitudinal, verificando-se apenas a existência de estudos transversais (p. e., Antunes & Cruz, 1997; Carron, Bray & Eys, 2002). É também importante referir que as investigações consultadas limitam a conceptualização do rendimento, operacionalizando esta variável apenas como resultado. Como referem Beal e colaboradores (2003) este facto é considerado uma limitação, devido ao facto de serem ignorados uma grande variedade de potenciais impedimentos ao rendimento, que se encontram fora do controlo dos atletas e das equipas. Os autores referem de igual forma que, devido a estas condicionantes, a performance/rendimento “está no que é feito, e não no resultado do que é feito” (p.3). Deste modo, a operacionalização desta variável como comportamento (processo) pretende ser assumida como um objectivo inovador em relação à literatura existente.



## COESÃO

### Conceito de Coesão no âmbito da Psicologia Social

Historicamente, a coesão tem sido identificada como uma das mais importantes variáveis na dinâmica e performance dos grupos, como tal são diversas as áreas da ciência que revelaram interesse no seu estudo.

Contudo, e de acordo com Mudrack (1989, p. 39; cit. por Paskevich, Estabrooks, Brawley, & Carron, 2001) apesar da coesão “parecer fácil de compreender e descrever... ‘esta facilidade de descrição’ não traduz a ‘facilidade na sua definição’ ”, uma vez que apesar de abstracta não é directamente observável. Como tal, foram diversos os autores que propuseram uma definição para este constructo.

O termo <<coesão de grupo>> foi inicialmente utilizado por Kurt Lewin e seus colaboradores em 1945. Para Lewin a essência de um grupo consiste, maioritariamente, na interdependência entre os seus membros e não apenas na sua semelhança, sendo que, a interdependência interpessoal é o que determina o grau de coesão do grupo. Contudo, uma das limitações apontadas a esta abordagem prende-se com o facto do autor não tem em conta a relação entre a coesão grupal e a percepção que os indivíduos têm de si mesmos enquanto membros do grupo (Huici, 1985). Lewin considera que a interdependência interpessoal, ou seja, a coesão surge com o objectivo de alcançar de forma mais eficaz as metas individuais. Como tal, para que um conjunto de indivíduos se converta num grupo e este alcance algum grau de coesão, é necessária uma força motivacional subjacente ao alcance de objectivos.

Partindo da concepção de coesão avançada em primeira instância por Lewin, foram Festinger, Schachter e Back (1950; cit. por Dion, 2000) quem primeiramente formalizou uma teoria da coesão grupal. Numa investigação por si realizada procuraram investigar a forma como pequenos grupos sociais e informais exerciam pressão sobre os seus membros, de modo a que estes aderissem às suas normas. Em suma, concluíram que factores ecológicos, em particular a proximidade física, contribuíram de forma determinante para a formação do grupo e para o estabelecimento de relações de amizade entre os seus membros, definindo o conceito de grupo como “o número de pessoas interactivamente e sociometricamente conectadas” (p.58).

Como tal, os autores afirmaram que “é muito provável que...relações de proximidade entre um número de pessoas ao longo do tempo contribuam para o desenvolvimento de um grupo coeso” (p.99) e que “grupos sociais informais...são um padrão mais ou menos coeso das relações estabelecidas entre um determinado número de pessoas” (p.160).

Com base no pressuposto de que a coesão não desempenha apenas um papel relevante no que concerne à solidariedade entre os membros (como propriedade de um grupo), contribuindo também para a formação de um grupo psicológico, definiram o conceito de coesão como «campo total de forças que actuam sobre os membros para que permaneçam no grupo» (1950, p. 274).

Partindo da sua definição e operacionalização do constructo, Festinger e seus colaboradores propuseram um modelo conceptual da coesão grupal.

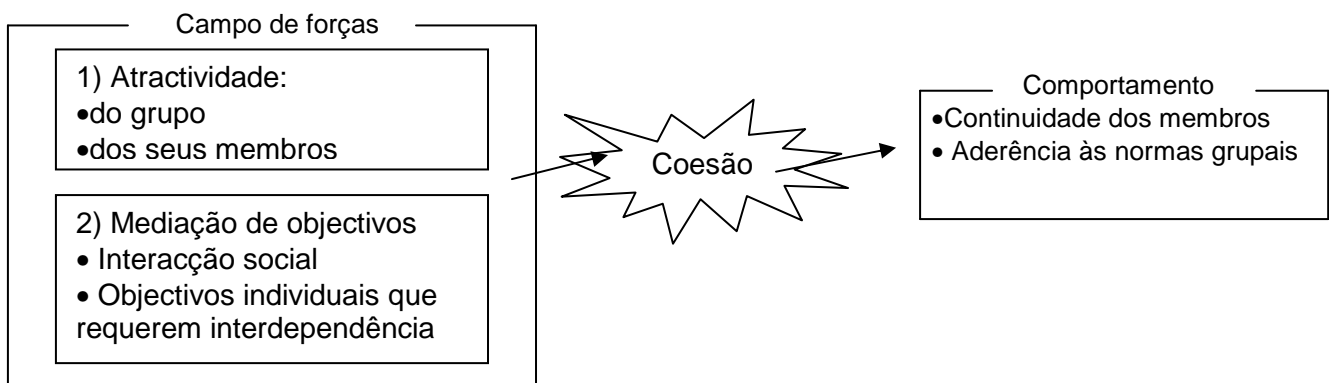


Figura 2: Modelo conceptual de coesão grupal (Festinger, Schachter e Back, 1950; adaptado de Hogg & Vaughan, 1998)

De acordo com este modelo, a coesão é influenciada por dois factores:

- 1) Refere-se ao grau em que a pertença ao grupo é, em si, um objectivo e uma valência para os indivíduos, sendo que a valência positiva de um grupo social informal é influenciada pelo número de relações satisfatórias entre os membros desse grupo. Então, de acordo com o modelo, existe uma relação positiva entre a estrutura social e a coesão: quanto melhor a estrutura (i.e. quanto mais relações positivas entre os membros), maior será o grau de coesão do grupo;
- 2) Função mediadora exercida pelo grupo relativamente aos objectivos individuais relevantes para os seus membros, sendo que estes podem ser de dois tipos: de interacção social e objectivos individuais específicos que

requerem, para o seu alcance, interacções interdependentes ou cooperativas com outros membros.

Então, de acordo com o modelo, a existência de relações positivas entre os membros e a interdependência social, fundamentais para o alcance de objectivos individuais, originam não só a continuidade da pertença ao grupo mas, de igual modo, a aderência às normas que asseguram a sua estrutura social.

Contudo, a operacionalização de coesão grupal proposta por Festinger et al. (1950; cit. por Hogg, 1992) foi alvo de diversas críticas, nomeadamente por se tratar de uma teoria de formação e de coesão do grupo, conceptualizada com base num tipo particular de grupo, caracterizado por relações interpessoais de amizade entre os seus membros, não especificando os limites da sua aplicabilidade e generalização.

Como reacção a essas críticas e na tentativa de suplantar as limitações conceptuais do constructo, Gross e Martin propuseram a operacionalização do conceito como sendo “a resistência de um grupo a forças disruptivas” (1952, p. 553; cit. por Cruz & Andrade), enquanto que Van Bergen e Koekebakker sugeriram que a coesão seria “o grau de unificação do grupo” (1959, p. 85; cit. por Hogg, 1992).

Posteriormente, a concepção da coesão como “campo total de forças” foi posta de parte, sendo suplantada pela definição da coesão enquanto atracção individual para o grupo (Hogg & Vaughan, 1998).

Com base nestas novas concepções de coesão, o conceito foi evoluindo e, tal como refere Hogg e Vaughan (1998), diversas revisões empíricas e conceptuais (Cartwright, 1968; Lott e Lott, 1965; McGrath e Kravitz, 1982; Zander, 1979) parecem confirmar que a coesão grupal tem sido conceptualizada, em larga escala, como sendo equivalente à atracção interpessoal. Por seu turno, Carron, no âmbito da psicologia do desporto, concluiu que a operacionalização do constructo tem sido “unidimensional no sentido de que o foco tem sido centrado nalgum tipo de atracção” (1982, p. 125; cit. por Carron et al., 1998).

De acordo com esta abordagem, a ideia de coesão grupal implica um modelo de grupo social, surgindo deste modo o modelo da coesão social.

### Modelo da coesão Social

A coesão grupal é uma vertente da solidariedade grupal e da formação psicológica do grupo, que parece assumir a atracção interpessoal como o processo gerador do mesmo.

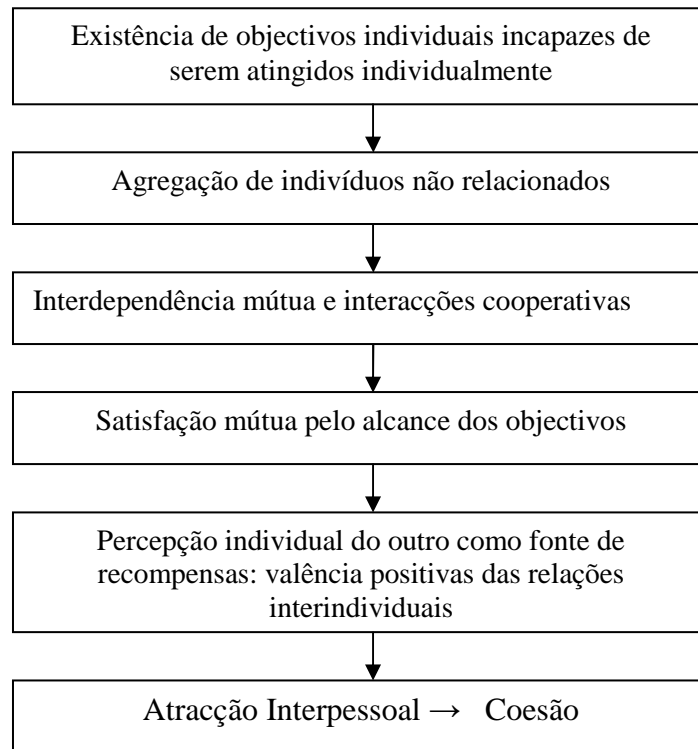


Figura 3: Modelo da Coesão Social (adaptado de Hogg & Vaughan, 1998)

O modelo da coesão social atribui a emergência de forças interpessoais de atracção à existência de múltiplos factores que originam relações positivas entre os indivíduos, tais como, a interdependência cooperativa para o alcance de objectivos partilhados, similaridade de atitudes, proximidade física, ser aceite ou aprovado por outrém, traços de personalidade atractivos e o sucesso nas tarefas do grupo (Lott & Lott, 1965; cit. por Hogg, 1992). Como tal, segundo esta abordagem, um conjunto de pessoas une-se para formarem um grupo, espontaneamente ou de forma deliberada, consoante a existência de necessidades que promovam a satisfação mútua tornando, deste modo, os indivíduos interdependentes.

Turner et al. (1987; op. cit) propuseram que os indivíduos que são interdependentes na satisfação de uma ou mais necessidades, que atingem ou esperam suplantar essas

necessidades através da associação com outrém, desenvolvem sentimentos de atracção mútua e, de tal forma, se tornam um grupo.

Contudo, foram efectuadas diversas abordagens a este modelo, sendo que a diferença entre as mesmas se deve, fundamentalmente, ao enfoque na interdependência individual ou na similiaridade interindividual como base da atracção interpessoal (coesão).

Para além da Psicologia Social, a Psicologia do Desporto foi outra das áreas de investigação que manifestou interesse no estudo da coesão, nomeadamente na sua relação com a eficácia das equipas. Por diversas vezes, atletas e treinadores atribuem ao êxito desportivo o funcionamento da equipa como uma unidade ou grupo, sendo que as afirmações sobre a importância da coesão no funcionamento de uma equipa desportiva são constantes.

#### Conceito de Coesão na Psicologia do Desporto

O desporto organizado é quase sempre levado a cabo na presença de outros. Assim, a situação do desporto implica necessariamente interacções sociais ou processos de grupo, os quais, em desportos de competição, têm essencialmente um carácter intergrupar (dado o seu objectivo central de vitória), apesar de também existir um carácter interpessoal (Cruz & Antunes, 1996).

Num grupo existe uma troca recíproca de influências, o que nos leva a concluir que o que distingue um grupo de um conjunto de indivíduos é o facto de no grupo existir uma identidade colectiva, um sentimento de partilha, formas estruturadas de interacção e comunicação, interdependência pessoal e na tarefa, um sentimento de destino comum e a percepção de unidade de grupo (Carron & Spink, 1995).

Apesar da vasta quantidade de investigações em dinâmicas de grupo, devido às suas propriedades estruturais e funcionais, não se pode generalizar a definição de um grupo e transferi-la para o contexto desportivo.

De acordo com Carron (1993) "uma equipa desportiva é um conjunto de indivíduos que possuem uma identidade colectiva, têm metas e objectivos comuns, partilham um destino

comum, desenvolvem padrões de interação e modos de comunicação estruturados, exibem interdependência pessoal e de tarefa, e que se consideram como sendo um grupo” (p.44).

Uma equipa desportiva, é um grupo especial, com características específicas derivadas da actividade desportiva e da sua própria dinâmica. Como tal, depois da família, uma equipa desportiva poderá ser o grupo mais influente a que determinados indivíduos pertencem. De facto, possui características estruturais únicas apresentando-se, assim, como um contexto ideal para o estudo das interações sociais (Cruz & Andrade, 1996).

No âmbito da investigação em Psicologia do Desporto, Fiedler (1954, cit. por Carron & Hausenblas, 1998) foi um dos pioneiros. Um estudo por si elaborado, que visava estudar as relações interpessoais numa equipa de basquetebol universitário, contribuiu para clarificar a importância e influência das dinâmicas intergrupais no rendimento e eficácia da equipa. Contudo, uma das limitações apontadas às conclusões deste estudo devia-se à operacionalização unidimensional dos aspectos que contribuem para a manutenção e continuidade dos grupos, sendo que apenas os aspectos sociais foram considerados e não os factores grupais inerentes à execução da tarefa.

Myers e McGrath (1962, op. cit) procuraram analisar as relações que os indivíduos estabelecem com a equipa. Para tal usaram três medidas: estima pelos companheiros de equipa, aceitação percebida e atribuição causal do insucesso. Apesar de considerarem a natureza multidimensional das relações intergrupais, duas das medidas utilizadas - estima pelos companheiros de equipa e aceitação percebida -, confundem os aspectos sociais e de tarefa que estão na base da união grupal.

Lenk (1969; cit. por Carron; Bray et al., 2002) num estudo por si elaborado com equipas olímpicas de remo, concluiu que apesar da aparente falta de coesão e da existência de conflitos interpessoais, estas equipas atingiam um elevado rendimento, refutando a hipótese de que “apenas os grupos com um baixo grau de conflito e com níveis elevados de coesão podem produzir elevadas performances” (p.393). Apesar de considerar a natureza multidimensional da união grupal, o autor colocou o ênfase nas relações sociais e nas escolhas da liderança, não considerando a vertente da coesão com orientação para a tarefa.

Uma das limitações indicadas de forma constante aos estudos anteriores, prende-se com o facto dos referidos autores não terem em conta os aspectos da coesão para a tarefa, focando-se apenas na vertente social da coesão grupal.

Por seu turno, Klein e Christiansen (1969; cit. por Carron et al., 1998) afirmaram que a presença da coesão “indica que não existem conflitos significativos no grupo ou opiniões divergentes acerca da estratégia definida para atingir os objectivos grupais propostos” (p.398). A referência aos conflitos e à existência de estratégias partilhadas para atingir objectivos grupais comuns reflecte, claramente, os aspectos sociais e de tarefa da coesão grupal. Como tal, estes autores foram dos primeiros no âmbito da Psicologia do Desporto a considerar ambos os aspectos da coesão (Carron & Hausenblas, 1998).

Posteriormente, Carron (1982; cit. por Weinberg & Gould, 2003) sugeriu que a coesão pode ser definida como “um processo dinâmico que se reflecte na tendência para o grupo se manter unido na perseguição dos seus objectivos”. Em 1998, Carron et al., acrescentaram à definição originalmente proposta, o carácter afiliativo do grupo e de satisfações afectivas individuais dos seus membros. De acordo com esta definição, o constructo de coesão assenta em três propriedades:

- a) **Multidimensionalidade:** referente aos diversos factores que conduzem à formação e manutenção do grupo, sendo que o efeito dos mesmos é diferente consoante a natureza dos grupos;
- b) **Dinâmica:** o grau de coesão de um grupo pode e altera-se no decorrer do tempo de existência do mesmo;
- c) **Natureza Instrumental e Afectiva:** diz respeito ao objectivo para a formação do grupo, sendo que os mais diversos grupos se formam com objectivos orientados para a execução de uma dada tarefa. Apesar desta orientação predominantemente instrumental, todos os grupos possuem um carácter afiliativo de satisfação de necessidades afectivas dos seus membros.

#### *Antecedentes da coesão grupal*

De acordo com Carron et al. (1985) existem diversas variáveis que contribuem de forma decisiva para o aumento do grau de coesão grupal, sendo que estas podem ser agrupadas em três categorias: características dos membros do grupo, características do grupo e situações experienciadas pelo grupo.

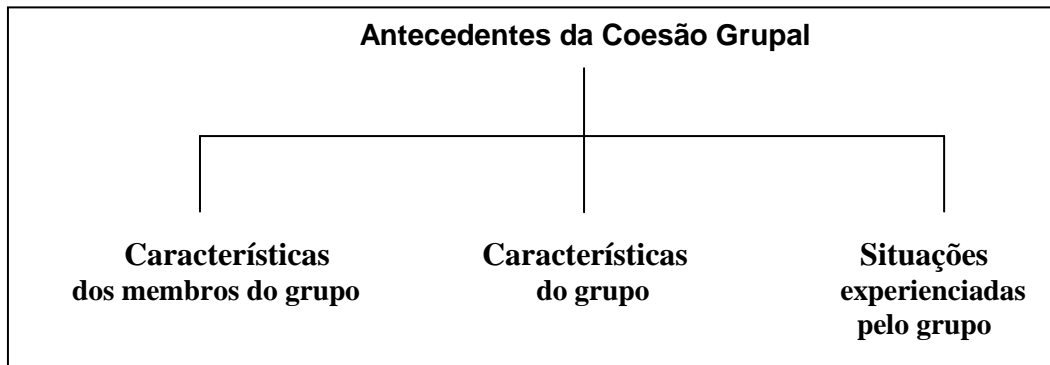


Figura 4: Classificação dos antecedentes da coesão grupal (adaptado de Carron et al., 1985)

**1) Características dos membros do grupo:**

- Similiaridade de personalidades, atitudes e performance;
- Percepções de envolvimento e responsabilidade para com o grupo;
- Satisfação face aos aspectos sociais e de tarefa do grupo;

**2) Características do grupo:**

- Tamanho do grupo;
- Proximidade física e funcional dos membros;
- Interacção e consenso entre os membros;
- Liderança democrática centrada nos objectivos do grupo;
- Clareza e aceitação dos objectivos grupais;
- Interdependência e clareza de papéis;
- Apreciação da performance dos membros por parte da liderança;

**3) Situações experienciadas pelo grupo:**

- Percepções de ameaças por parte de uma força externa ao grupo;
- Competitividade intragrupal;
- Sentimentos de partilha do sucesso/fracasso;



### *Consequências da coesão grupal*

De igual forma, os autores propuseram a divisão das consequências da coesão em três categorias: consequências para os membros do grupo, efeitos nos processos e productos grupais.

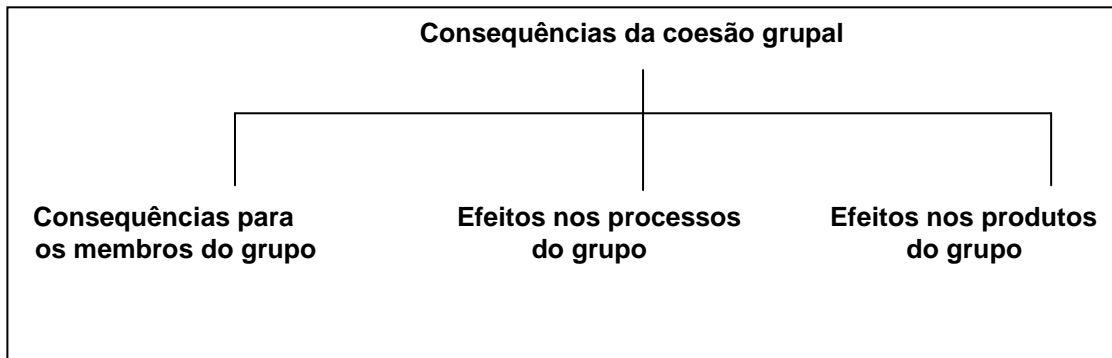


Figura 5: Classificação das consequências da coesão grupal (adaptado de Carron et al., 1985)

#### **1) Consequências directas para os membros do grupo**

- Aumento da auto-estima;
- Redução da ansiedade;
- Aumento da satisfação;
- Aumento do esforço para o alcance de objectivos grupais;
- Aumento da conformidade perante as normas grupais;
- Diminuição do absentismo nas funções grupais a desempenhar;

#### **2) Efeitos da coesão nos processos do grupo**

- Aumento da interacção e comunicação intergrupais;
- Aumento da participação dos membros nas actividades do grupo;
- Aumento da persistência face às tarefas do grupo;
- Aumento da performance

#### **3) Efeitos nos produtos do grupo**

Grande parte da investigação sobre os efeitos da coesão nos produtos do grupo está centrada na sua relação com a performance grupal. Embora seja um assunto

estudado quer no contexto desportivo, quer num contexto externo à conjuntura desportiva, os seus resultados são contraditórios, onde alguns estudos indicam uma relação negativa entre as duas variáveis (Fiedler, 1952; Stodgill, 1972; Tziner, 1982; cit. por Beal et. al, 2003) e outros indicam a existência de uma relação positiva (Carron, Bray et al., 2002; Mullen & Copper, 1994).

Ao contrário do sugerido em estudos citados anteriormente, em que se encontra a coesão definida como atracção interpessoal, como atracção individual para o grupo ou ainda como percepções de similiaridade para com outros membros do grupo, Carron defendeu a coesão não como um constructo unidimensional, mas sim multidimensional. Com base na sua definição de coesão e na multidimensionalidade do constructo, Carron (1982) desenvolveu um sistema conceptual da coesão em equipas desportivas.

#### Sistema Conceptual de Coesão

Neste sistema conceptual propõem-se a coesão social e coesão na tarefa como mediadores da relação entre um conjunto de variáveis antecedentes e os produtos individuais e grupais. São sugeridas quatro categorias de antecedentes: situacionais ou ambientais, pessoais, de liderança e da equipa.

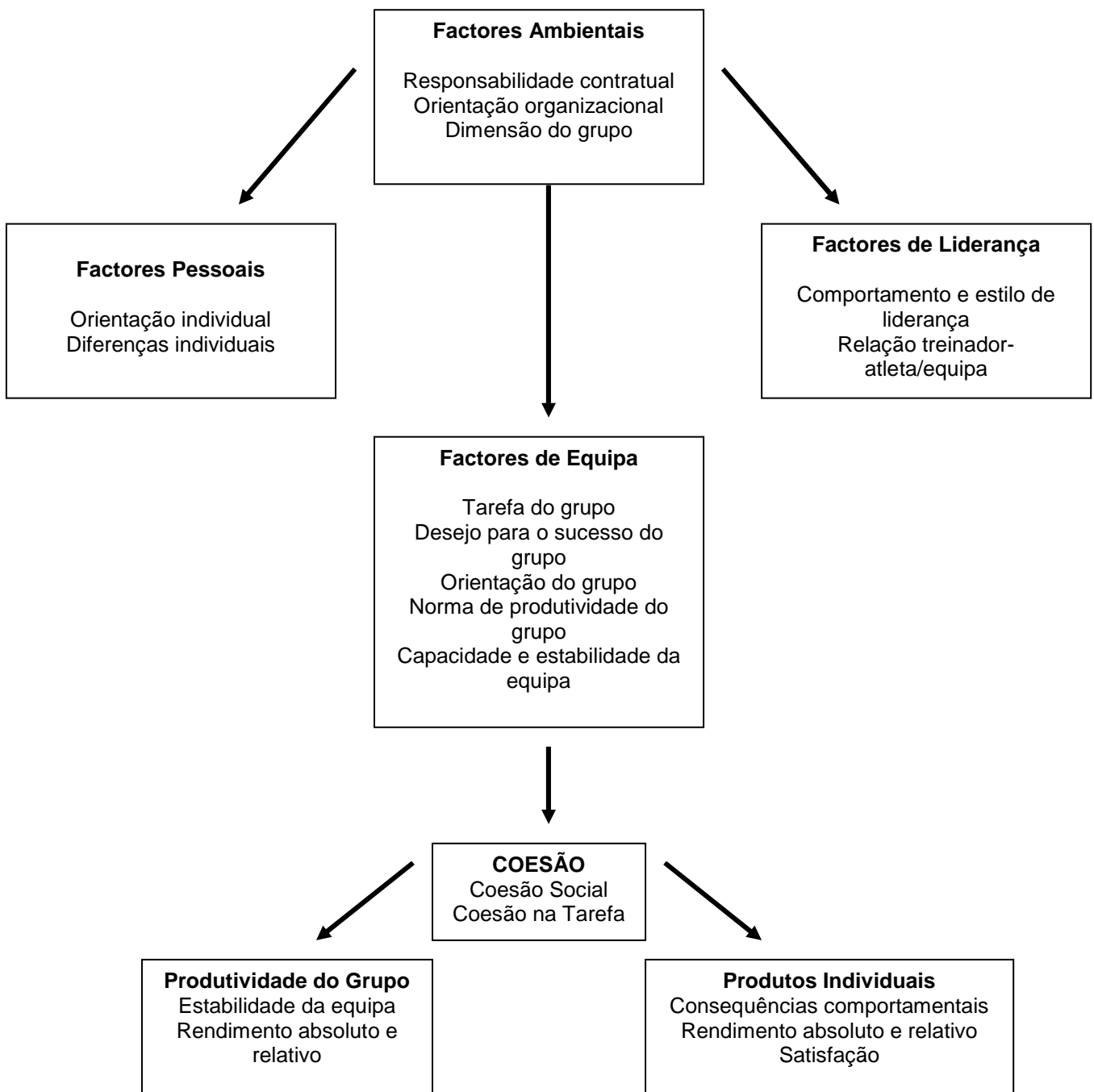


Figura 6: Sistema conceitual da coesão em equipas desportivas (Carron, 1982; adaptado de Weinberg & Gould, 2003)

Relativamente aos determinantes situacionais, o tamanho do grupo pode ser assumida como uma variável capaz de influenciar diferentes aspectos da coesão.

As características pessoais dos membros de uma equipa podem também influenciar a coesão. Widmeyer, Brawley, e Carron (1985) indentificaram a existência de diferenças entre

sexos em termos de coesão social em equipas desportivas, sendo mais elevada nos homens do que nas mulheres.

De igual forma, os factores de liderança, tais como o estilo de liderança e as relações estabelecidas entre treinador/atleta, podem influenciar o desenvolvimento da coesão. Westre e Weiss (1991; cit. por Cruz & Andrade, 1996) examinaram a relação entre a coesão de equipa e as percepções do estilo de liderança e dos comportamentos dos seus treinadores. Os resultados encontrados evidenciavam que treinadores que eram vistos como fornecendo maiores níveis de suporte social, feedback positivo e que adoptavam estilo democrático de liderança, tinham atletas que percepcionavam maiores níveis de coesão na tarefa das suas equipas, sendo que esta relação seria moderada, quer pelo sucesso individual e da equipa, quer pelo estatuto do jogador.

Enquanto factores da equipa, a experiência partilhada pode ser dada como exemplo de um antecedente da coesão. Uma série de sucessos ou insucessos partilhados por membros de uma equipa podem conduzi-los a uma maior união, sendo que a percepção da coesão é moderada pela natureza da tarefa desportiva (Carron & Chelladurai, 1981; op. cit).

Relativamente às consequências da coesão, Carron (1982; cit. por Weinberg & Gould, 2003) apresenta dois factores: produtos individuais e produtos colectivos. Quanto aos primeiros, baixos níveis de absentismo e boa pontualidade têm sido encontrados nos atletas de desportos de recreação que percepcionam altos níveis de coesão de grupo, nomeadamente em termos de integração no grupo e orientação social. De igual forma, tem-se comprovado que a coesão tem algum impacto sobre o estado psicológico dos atletas, por exemplo, sobre a satisfação com a experiência competitiva, a qual tende a aumentar com a percepção de elevada coesão (Horn, 1992). Os resultados de grupo foram alvo de diversas pesquisas, nomeadamente, o estudo da influência da coesão na performance, tendo sido alcançados resultados contraditórios.

Associado à necessidade de criação de um modelo conceptual e de um instrumento, de forma a guiar todos os estudos e medidas de coesão, Carron et al. (1985), criaram um novo modelo conceptual de coesão.

### Modelo conceptual da coesão

Na elaboração deste modelo, Carron baseou-se na distinção entre os aspectos individuais e de grupo, na vida do grupo, para além de aspectos da tarefa e sociais do envolvimento do grupo.

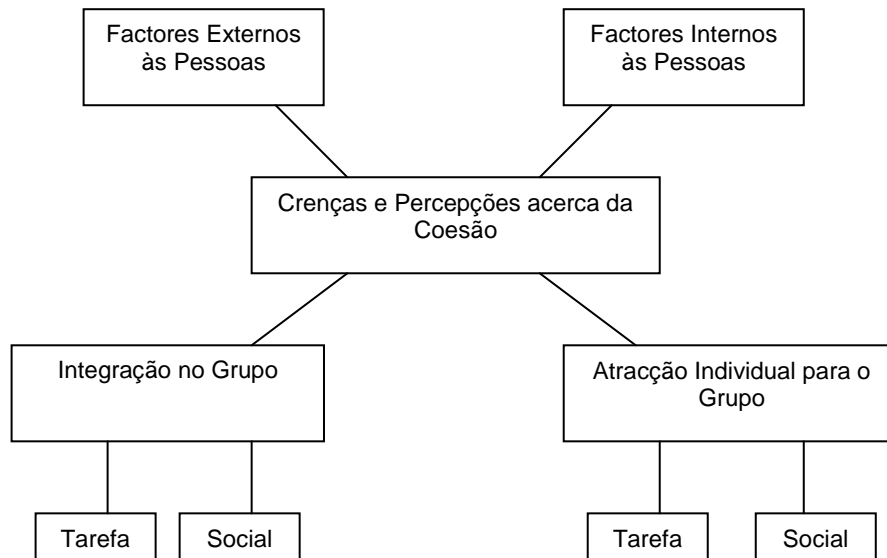


Figura 7: Modelo conceptual de coesão em equipas desportivas (Carron et al., 1985; adaptado de Weinberg & Gould, 2003)

Este modelo assenta no pressuposto de que os aspectos individuais e os aspectos da coesão de grupo estão representados, em parte, como crenças múltiplas e percepções dos membros individuais do grupo. Cada membro do grupo integra a informação de vários aspectos do mundo social que são relevantes e significativos para o grupo, produzindo várias percepções e crenças (Paskevich et al., 2001). É através destas crenças individuais que o grupo e seus membros se mantém unidos na perseguição dos objectivos grupais, podendo ser classificadas em duas grandes categorias no modelo conceptual:

- **Integração no Grupo (IG)**, que diz respeito às percepções e crenças dos membros do grupo sobre o grupo na totalidade, e;

- **Atração Individual para o Grupo (AIG)**, que se refere às percepções e crenças dos membros individuais do grupo sobre o que inicialmente os atraiu e que continua a atraí-los para o grupo.

Cada uma destas dimensões, por sua vez, divide-se ainda em orientação para a tarefa ou orientação para o social.

Por conseguinte, o modelo abarca estas quatro dimensões relativas às múltiplas crenças e percepções que fazem parte do processo dinâmico que caracteriza a coesão de um grupo/equipa, sendo que estas dimensões actuam em conjunto criando um sentimento de coesão no grupo e nos respectivos membros. A sua integração pode ser um indicador da natureza multidimensional da coesão (op cit.).

A contribuição relativa de cada uma das dimensões da coesão deve oscilar ao longo do tempo, dependendo do impacto de potenciais variáveis moderadoras e que fazem parte daquilo que constitui a experiência social do grupo (Cruz & Andrade, 1996). Por exemplo, o nível de desenvolvimento do grupo (tempo de duração do grupo; altura da época desportiva) ou a natureza do grupo (orientação motivacional do grupo, com foco na tarefa ou no social) podem influenciar o grau em que cada uma das dimensões afecta a coesão grupal (op.cit.).

Como tal, os indivíduos percebem e crêem que o grupo a que pertencem pode suplantar as suas necessidades em termos sociais e de tarefa. Este facto conduz a que os atletas se sintam atraídos para a sua equipa (i.e., AIG-T e AIG-S). As percepções e crenças individuais acerca do propósito da união do grupo para o alcance de objectivos comuns, relacionados com aspectos sociais e de tarefa (i.e. IG-T e IG-S), são factores motivacionais que levam a que os atletas se mantenham como membros da equipa.

Tal como referido anteriormente, existem vários antecedentes e consequências dos processos grupais que podem influenciar o desenvolvimento da coesão, provocando a sua variabilidade ao longo do tempo. Como tal, é presumível que actuem através das percepções e crenças individuais dos membros do grupo (Carron et al., 2003).

Este pressuposto tem sido conectado com a investigação da coesão grupal em diversos contextos.

A definição de coesão de Carron, particularmente no desporto, implica que a mesma deverá flutuar ao longo do decorrer da época, interagindo de forma circular e contínua com outras propriedades de um grupo, tal como rendimento desportivo.

## INVESTIGAÇÃO NO ÂMBITO DA RELAÇÃO COESÃO-RENDIMENTO DESPORTIVO

O Rendimento do grupo é um factor particularmente prático e premente dado que a maioria dos treinadores, assim como todos aqueles que trabalham no desporto em geral, dedicam um esforço considerável a fim de o maximizarem (Gill, 1986).

De facto, quando se considera o rendimento de um grupo, um complexo conjunto de variáveis sócio-psicológicas de natureza interactiva é introduzido. Como tal, um objectivo que a grande maioria dos investigadores tem tentado alcançar prende-se com a identificação dos factores e processos que originem e possibilitem um aumento do rendimento dos grupos. Uma das variáveis constantemente assumidas como estando relacionada com o rendimento desportivo é a coesão grupal.

Historicamente, a coesão tem sido identificada como uma variável de enorme importância na dinâmica e no rendimento dos grupos, em diversos contextos (organizacional, militar, desportivo). Apesar de teoricamente existir uma forte expectativa de que a coesão e o rendimento de um grupo estão positivamente relacionadas (Cartwright, 1968; Cattell, 1948; Davis, 1969; Shaw, 1971; cit. por Gully et al., 1995), as diversas investigações têm produzido resultados contraditórios.

À semelhança de outras áreas, a investigação realizada no âmbito da Psicologia do Desporto tem tido um sucesso limitado no que concerne à obtenção de uma resposta definitiva a esta problemática, na medida em que os resultados alcançados se têm revelado inconclusivos e inconsistentes (Carron, Colman et al., 2002).

Fiedler et al. (1952; cit. por Carron et al., 1998) num estudo com equipas de basquetebol universitário, descobriu que não existia uma correlação significativa entre a similaridade interpessoal percebida e a eficácia da equipa. Outros autores referem a existência de relações negativas, os quais afirmam que um elevado grau de coesão parece não conjugar um bom rendimento desportivo (Fiedler, 1954; Landers & Lueschen, 1974; McGrath, 1962; Lenk, 1969; cit. por Gill, 1986).

Stogdill (1963), Smith (1968), Klein e Christiansen (1969) e Velder (1971) foram alguns dos autores que examinaram esta relação, concluindo que existia uma relação positiva entre a proximidade da equipa e o respectivo rendimento (Cruz & Antunes, 1996).

Martens e Peterson (1971, cit. por Carron, Bray et al., 2002) efectuaram um estudo cujo objectivo era investigar a influência da coesão registada na pré-época no sucesso da equipa, concluindo que equipas com um maior grau de coesão registado nesse período ganham mais jogos, do que equipas com um baixo grau de coesão. Este estudo permitiu, de igual modo, demonstrar que só questões medindo a equipa como um todo (a coesão como um constructo social) diferenciam significativamente equipas com sucesso de equipas mal sucedidas.

Em 1972, os mesmos autores investigaram a influência do sucesso da equipa na coesão registada no término da temporada, concluindo que equipas com mais sucesso possuíam um maior grau de coesão no final da época desportiva.

Posteriormente, Widmeyer, Brawley e Carron (1993) num estudo que visava examinar as contribuições relativas da coesão e das capacidades dos atletas para o sucesso das equipas em diferentes desportos, concluíram que cerca de 16% a 22% e 54% a 60% da variância do sucesso de uma equipa é explicada, respectivamente, pela coesão e pelas capacidades dos atletas.

Evans e Dion (1991) numa meta-análise por si realizada, integraram 16 estudos que relacionavam várias formas de mensuração da coesão com diversas medidas de rendimento, concluindo que a coesão e o rendimento se encontram relacionados positivamente. Contudo, o facto de estes autores não considerarem a existência de variáveis moderadoras da relação e condicionarem o seu estudo apenas a nível grupal, comprometem as suas conclusões (Gully et al., 1995).

Slater e Sewell (1994) procuraram investigar a relação entre coesão e o rendimento desportivo em equipas de hóquei universitário. Os resultados deste estudo transversal de tipo correlacional demonstraram a existência de uma correlação positiva estável entre as duas variáveis, em particular no que se refere às dimensões da coesão orientadas para o social.

Uma segunda meta-análise foi realizada por Mullen e Copper (1994). Neste estudo os autores examinaram diversas variáveis que poderiam afectar a relação entre a coesão e o



rendimento, tais como, a necessidade de interacção entre os membros do grupo, o tipo de coesão, o tipo e a duração do estudo. No geral, os autores concluíram que a relação entre os constructos era pequena mas significativa, avançando também com a sugestão de que um melhor rendimento conduziria a um maior grau de coesão grupal.

Na sua meta-análise, Gully e colaboradores (1995) integraram 51 estudos da relação coesão-rendimento, sugerindo que a interdependência para a realização da tarefa pode ter contribuído para a inconsistência dos resultados obtidos acerca da relação coesão-rendimento. De igual modo, concluíram que a força da relação entre os constructos é determinada pela natureza da tarefa. Logo, em tarefas que necessitam um elevado grau de coordenação, comunicação e supervisão mútua na execução da tarefa por parte membros do grupo, a coesão e o rendimento estão mais fortemente relacionados, comparativamente com tarefas em que a interdependência entre os membros do grupo é baixa.

Carron, Bray e colaboradores (2002) desenvolveram um estudo onde pretendiam estudar a relação entre as percepções relativamente à coesão para a tarefa e o sucesso desportivo, em equipas de basquetebol e futebol. Os autores, partindo da operacionalização da coesão feita através do Group Environment Questionnaire e tendo por base o pressuposto de Widmeyer et al. (1993), propuseram que as dimensões da coesão para a tarefa (Integração no Grupo- Tarefa; e Atracção Individual para o Grupo- Tarefa) estariam mais fortemente relacionadas com o sucesso desportivo. Contudo, concluíram que, ao contrário do esperado, a relação entre a Atracção Individual para o Grupo-Tarefa e o sucesso desportivo era ligeiramente superior.

### **Objectivos do estudo:**

Não obstante ser um tópico de elevado grau de interesse, tanto para os investigadores como para os agentes desportivos, existem algumas lacunas na investigação quanto à natureza multidimensional da Coesão e aos seus potenciais efeitos no Rendimento.

Numa recente meta-análise (Beal et al., 2003) sobre a problemática em estudo, um dos problemas apontados a investigações anteriores dizia respeito às conceptualizações de ambos os constructos. Apesar de, por exemplo, a distinção entre coesão social e para a tarefa ser suportada teórica e empiricamente (Carron, 1988; Mullen & Copper, 1994; Widmeyer et al., 1985, 1990; cit. por Gully, et al., 1995), são poucos os estudos empíricos que explicitamente explorem como as duas orientações da Coesão afectam o Rendimento.

Outra das limitações apontadas a investigações anteriores sobre a problemática em estudo, diz respeito à grande variedade de conceptualizações de ambos os constructos.

Quanto à variável Rendimento, Carron, Colman et al. (2002) e Beal et. al (2003), apontam que o conceito tem sido negligenciado, indicando que a investigação geralmente apenas o operacionaliza enquanto resultado final (p.e., vitória, empate, derrota) e não enquanto processo (p.e., bolas recuperadas, bolas perdidas). Simultaneamente, os autores sugerem que o estudo desta variável deve ser efectuado com base em ambas as conceptualizações, visto existirem diversos factores que não são passíveis de serem controlados pelos indivíduos/grupo (rendimento do adversário, decisões da equipa de arbitragem, p.e.) e que afectam o rendimento final (resultado).

Outra das limitações apontadas à investigação neste campo prende-se com a falta de estudos longitudinais que permitam uma visão clara acerca da relação entre os constructos, devido à insuficiente duração dos estudos e à operacionalização por vezes limitadora dos conceitos (op. cit.).

Face ao exposto e devido à sua importância e aplicação prática, o objectivo deste estudo passa pela avaliação, numa perspectiva longitudinal, da relação entre a Coesão de Grupo e o Rendimento Desportivo (enquanto processo), no Futebol Masculino Profissional. Para tal, pretende-se analisar as relações existentes, ou não, entre cada uma das dimensões da Coesão medidas pelo GEQ, nomeadamente a Atracção para o Grupo e a Integração no Grupo, orientadas para o Social e para a Tarefa; e o Rendimento Desportivo (objectivo e auto /hetero-avaliado).

Com este estudo pretende-se contribuir para a compreensão da relação entre as variáveis tentando, simultaneamente, suprimir algumas limitações apontadas a estudos anteriores, nomeadamente o facto de se tratarem de estudos transversais, onde, por exemplo, a variável rendimento tem sido apenas operacionalizada como produto final (resultado). O facto dos participantes pertencerem apenas a um grupo natural, cuja formação e desenvolvimento já estão finalizados, e ser efectuada uma distinção entre as diferentes orientações da Coesão (Social e Tarefa), é assumido como uma mais valia em termos metodológicos e empíricos.

Em suma, a literatura sobre a Coesão de grupos e o seu efeito prático no Rendimento tem sido envolta nalguma controvérsia. Enquanto alguns autores propõem que as forças de nível motivacional contribuem para a Coesão do grupo e que quanto maior for o seu grau, maior

será a sua produtividade (Beal et al., 2003), outros puseram mesmo em causa a generalização do efeito da Coesão no Rendimento (Stodgill,1972; Tziner, 1982; cit. por Beal et. al, 2003), sendo que Steiner (1972; cit. por Cruz & Andrade, 1996) recusou peremptoriamente a existência desta relação.

Contudo, actualmente, as diversas revisões dos estudos realizados que examinaram a relação coesão-rendimento (p.e., Beal et al., 2003; Carron, 1988; Carron, Colman et al., 2002; Evans & Dion, 1991; Giully et al., 1995; Mullen & Copper, 1994), enfatizam a existência de uma relação entre ambos os constructos.

No que se refere às diferentes orientações da coesão, Widmeyer et al. (1993), Mullen e Copper (1994), Carron, Bray et al. (2002), Weinberg e Gould (2003) e sugeriram que as dimensões da coesão relacionadas com a tarefa estariam positivamente relacionadas com o rendimento de uma equipa, propondo simultaneamente o oposto no que se refere às dimensões da coesão com orientação para o social.

Como tal, e de acordo com a literatura revista anteriormente, é de esperar que exista uma relação entre coesão e rendimento. De igual modo é expectável que a coesão na tarefa, contrariamente à coesão social, obtenha uma relação positiva com o rendimento desportivo de uma equipa de futebol (medidas de processo) e que esta relação permaneça estável ao longo do tempo.